

4 530

CONSIDERAÇÕES  
ESTRATEGICAS E TACTICAS

SOBRE A

**BATALHA DO BUSSACO**

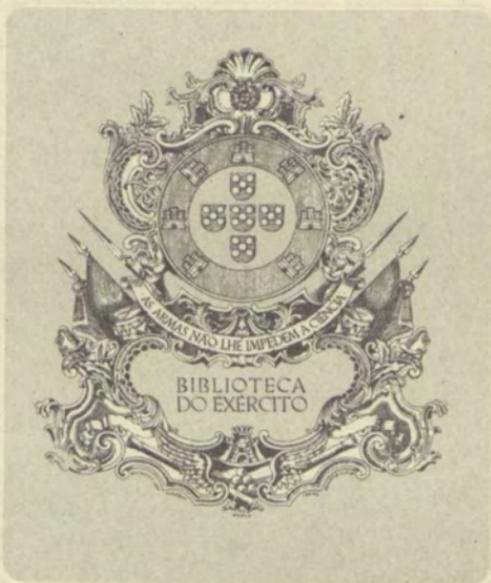
POR

F. A. DE BRITO LIMPO

TENENTE CORONEL DE ENGENHERIA



LISBOA  
IMPRESA NACIONAL  
1887



Ào seu Antigo condiscipulo e Amigo  
o Ex.<sup>m</sup> Jeronymo Osorio de Castro  
Cabral e Albuquerque  
em testemunho de inquebrantavel affecto  
aff.  
Prateo Simpo

CONSIDERAÇÕES

ESTRATEGICAS E TACTICAS

SOBRE A

BATALHA DO BUSSACO



CONSIDERAÇÕES

ESTRATEGICAS E TACTICAS

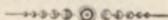
SOBRE A

BATALHA DO BUSSACO

POR

F. A. DE BRITO LIMPO

TENENTE CORONEL DE ENGENHERIA



LISBOA  
IMPRESA NACIONAL

1887



A circumstancia de havermos percorrido por muitas vezes o campo da batalha do Bussaco, quando, ha mais de vinte e sete annos, fizemos a triangulação geodesica dos terrenos em que se travou esta lucta, que podia ter as mais graves consequencias, deu-nos occasião a differentes investigações e estudos, que forneceram alguns elementos para a contextura da parte principal do presente escripto.

Ao exame do territorio ajuntámos varias informações de pessoas que habitando ali, e tendo na epocha da da batalha vagueado pelos montes convizinhos, inda se lembravam de differentes movimentos das tropas, os quaes, em virtude da profissão que abraçámos, tínhamos obrigação de tomar na devida conta, julgando se eram possiveis e provaveis. — Na parte historica procurámos o auxilio de alguns livros, que vão citados no texto, e de varios documentos officiaes.

É provavel que nos estranhem a ousadia de fazer a critica das operações de guerra, em que foram generaes Massena e Wellington; porém, nas mais bellas manobras militares póde haver um ou outro ponto susceptivel de controversia, e, rejeitando em parte a doutrina do illustre estrategista Marmont na introducção ás suas *Instituições militares*, quando se refere aos escriptos de officiaes de pequena graduacção, entendemos ter o direito de tornar publicas as nossas idéas sobre qualquer operação de guerra, posto reconhecermos bem a nossa posição humilde e não possuirmos a pratica dos combates.

De outra sorte em um paiz como o nosso, onde depois de uma paz de quarenta annos, nenhum general existente teve a honra de commandar em chefe e muito poucos officiaes a occasião de combater, deveria adoptar-se ácerca da critica da guerra um absoluto silencio, o que nos parece inteiramente contrario á instrucção militar.



# CONSIDERAÇÕES ESTRATEGICAS E TACTICAS

SOBRE A

## BATALHA DO BUSSACO

---

São bem conhecidas as causas que motivaram a terceira invasão de Portugal pelo exercito napoleonico; comtudo, daremos d'ellas resumida noticia, antes de entrar no principal assumpto d'este escripto.

Com a grande victoria de Wagram julgou Napoleão I ter abatido completamente o imperio austriaco, cujo aniquilamento chegou a conceber no seu audacioso espirito, quando viu os exercitos inimigos derrotados e dispersos. Absteve-se, porém, de tão grave resolução por considerações de alta política, e contentou-se em impor aos vencidos duras condições, que depois foi aligeirando por occasião do seu casamento com a filha do imperador Francisco II, até ahi seu inimigo declarado.

Vencida, pois, a Austria, que passou de inimiga a *alliada por laços de familia* (segundo a phrase do antigo regimen), quasi aniquilada a Prussia e abatida a Russia por successivas derrotas anteriores, nada no continente europeu parecia oppor-se aos designios ambiciosos do grande capitão do seculo, senão a Hespanha e talvez mais ainda Portugal, aonde os inglezes tinham estabelecido a base de operações

do seu exercito. Varrer os inglezes da península, *noyer le leopard*, como se dizia em França, era para Napoleão objecto da mais alta monta: só assim poderia abater a Inglaterra e estabelecer desassombradamente o seu imperio colossal.

E com effeito: expulsos os inglezes da península iberica, como já o estavam do resto da Europa continental, era provavel que chegasse para elles a suprema crise de reconhecer o poderio napoleonico e de ajustar a paz maritima, tão desejada por todas as nações, e sobre tudo pela França. Por isso, vencida a Austria nas planicies do Danubio em 1809, o primeiro volver de olhos de Napoleão foi para os exercitos francezes que manobravam ao occidente dos Pyreneos, e principalmente para o exercito denominado *de Portugal*, por ser aquelle que estava destinado a combater mais directamente os inglezes, arrebatando-lhes a sua base de operações.

Para conseguir um resultado de tamanha transcendencia, era natural que o proprio imperador victorioso, fazendo-se acompanhar de uma grande parte das muitas forças que então parecia ter disponiveis, viesse dirigir a guerra na península, aonde, pouco tempo antes, tinha experimentado a efficacia da sua presença, dando tal impulso ás operações, que, apesar de ter de ausentar-se inesperadamente em meio d'ellas, não só conseguiu a dispersão dos exercitos hespanhoes, mas impelliu os inglezes em rapida retirada sobre a Corunha, aonde perderam o seu general e tiveram de acolher-se aos seus navios.

Não succeder, porém, assim, e diversas causas podem explicar a sua abstenção pessoal. Primeiramente a Russia, apesar de parecer estreitamente ligada á França depois da paz Tilsit, não mostrava uma attitude completamente satisfactoria, dando lugar a que as tropas francezas disponiveis fossem menos numerosas do que á primeira vista se julgava, e offerecendo motivos para que elle Napoleão não abandonasse o centro do seu imperio, d'onde melhor podia espreitar todos os movimentos inimigos ou suspeitos. Em segundo lugar, não dispondo de forças totalmente esmagadoras, e conhecendo a indole do povo da península, evitaria talvez empenhar-se pessoalmente n'uma campanha, a qual, apesar do precedente citado, nem sempre daria lugar

pela natureza do solo ás grandes operações decisivas, que eram aquellas em que mais sobressahia o seu incomparavel engenho. Finalmente, alguém suppõe que o então recente casamento com a neta dos Cesares pesasse alguma cousa no seu modo de proceder; porém, julgámos que de nada valeria um motivo d'esta natureza perante um espirito tão eminentemente guerreiro e que acima de todo o sentimentalismo punha a execução dos seus planos gigantescos.

Ha ainda outro motivo que poderia apontar-se: era a supposição de que a campanha, comquanto demorada, teria um fim seguro, sem haver grande utilidade na sua intervenção directa. Não nos parece, porém, que Napoleão desconhecesse a gravidade da empreza e o muito que lhe conviria mandar pessoalmente aonde os commandos eram e tinham sido difficeis por causa das rivalidades dos diversos generaes francezes, os quaes, tendo chegado aos supremos graus da hierarchia militar, difficilmente obedeciam a outros que reputavam seus iguaes, muito embora mais antigos.

Parece, pois, que as duas rasões apontadas como principaes, sobre tudo a primeira, foram as causas que impediram Napoleão de vir tomar o commando dos exercitos francezes que em 1810 occupavam parte da nossa península. Mas, não podendo ou não querendo então deixar a França, mandou o seu melhor logar-tenente, mandou o general que maiores feitos havia praticado, e que a um grande character militar reunia longa pratica de todos os generos de guerra, um general, emfim, a quem Deus tinha concedido ser tão feliz, como ousado e valente. Este general era Massena.

Effectivamente, o vencedor de Suwarow e do archiduque Carlos, o heroe de Rivoli, de Zurich, de Genova, do Caldiero, de Essling, etc., era, depois de Napoleão, quem poderia ter mais auctoridade de commando, e por isso neutralisar os effeitos das rivalidades que se haviam manifestado entré os generaes dos exercitos francezes na península<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Desculpe-nos o leitor se pomos muito em evidencia o vulto militar de Massena. Fazemol-o porque foi realmente um dos generaes mais notaveis dos tempos modernos, e dando-se-lhe o realce merecido, maior gloria caberá aos soldados portuguezes que ajudaram

Grande repugnancia mostrou Massena em aceitar tão espinhoso encargo. Afirmou que estava cansado e velho, lembrou as rivalidades entre os generaes que ia commandar e talvez a má vontade com que lhe obedeceriam, etc.; porém Napoleão para tudo tinha respostas promptas, dizendo-lhe: que nunca o vira tão vigoroso como na ultima campanha; que as rivalidades dos generaes não poderiam chegar até elle; que todo o exercito o admirava, e que se os outros eram marechaes e duques, elle, além de principe de Essling, era sobre tudo Massena. Finalmente, para o decidir, fez-lhe ver, que, pondo-se á frente do exercito de Portugal, ia,

---

eflicazmente a fazel-o parar n'uma serie de victorias até abi nunca interrompida.

Eis mais algumas palavras em abono do illustre guerreiro:

Por occasião da batalha de Sacile, perdida pelo principe Eugenio de Beauharnais, vice-rei de Italia e filho adoptivo de Napoleão, escrevia este ao dito principe as seguintes phrases, dignas de memoria: «La guerre est un jeu sérieux dans le quel on compromet sa réputation, ses troupes et son pays. Quand on est raisonnable, on doit se sentir, et connaître si l'on est fait ou non pour le métier. Je sais qu'en Italie vous affectez de beaucoup mépriser Masséna. Si je l'eusse envoyé, cela ne serait point arrivé. Masséna a des talents militaires devant lesquels il faut vous prosterner tous, et s'il a des défauts il faut les oublier, car tous les hommes en ont. En vous confiant mon armée d'Italie, j'ai fait une faute. J'aurais dû envoyer Masséna et vous donner le commandement de la cavalerie sous ses ordres, etc.».

Thiers, quando na sua historia da revolução franceza põe em relevo os resultados da batalha de Zurich, em que Massena dissolveu a coalisão de 1799, a qual, estando Napoleão no Egypto, ia esmagando a França, exprime-se nos seguintes termos: «Gloire éternelle à Masséna, qui venait d'exécuter l'une des plus belles opérations dont l'histoire de la guerre fasse mention, et qui nous avait sauvés dans un moment plus périlleux que celui de Valmy et de Fleurus. Il faut admirer les batailles grandes par la conception ou le résultat politique; mais il faut célébrer surtout celles qui sauvent. On doit l'admiration aux unes et la reconnaissance aux autres. Zurich est le plus beau fleuron de Masséna, et il n'en existe pas de plus beau dans aucune couronne militaire».

Quando Napoleão, depois do rompimento das pontes do Danubio e no fim da sangrenta batalha de Essling, quiz abandonar o exercito para lhe preparar os indispensaveis meios de proseguir a campanha, resolveu em conselho de generaes que se fizesse a retirada da margem esquerda do rio para a ilha de Lobau. — Então, pronunciando um energico discurso, encarregou Massena do commando em chefe do exercito para a execução d'esta operação arriscadissima. Massena

depois de tanta gloria militar, conquistar outra ainda mais grandiosa: a do estabelecimento da paz<sup>1</sup>.

Obtido o assentimento desejado, tratou Napoleão de compor ao seu lugar-tenente o melhor estado maior que então podia reunir. Para chefe nomeou o general Fririon, que tinha pertencido ao antigo exercito do Rheno, e, alem de possuir vastos conhecimentos, era mui habil na guerra methodica; para o commando da artilheria enviou Eblé, que depois se encheu de gloria na passagem do Berezina; para a engenharia, Lazouski; para a cavallaria, o heroico Montbrun, um dos raros generaes d'esta arma.

Os corpos de exercito eram commandados por Ney (o bravo dos bravos), pelo sabio Reynier e por Junot, o qual a uma grande bravura reunia algum conhecimento do paiz que ia ser o theatro da guerra.

Todos estes generaes receberam bem, ao menos apparentemente, o commando de Massena, cujo merito guerreiro ninguem podia pôr em duvida; comtudo Ney começou a manifestar certo resentimento de não ser elle, já collocado no campo das operações, o incumbido da honra de commandar o exercito, que ia ser opposto aos inglezes; ainda assim, servia de muito melhor vontade debaixo das ordens do heroe de Zurich, do que tinha servido debaixo das do marechal Soult, a quem se julgava superior. O general Junot não podia, por fôrma alguma, ter rivalidades com Massena, de cujos talentos se distanciava immensamente, mas tambem não deixava de sentir algum despeito de ter

---

respondeu-lhe: « Vous êtes, sire, un homme de cœur et digne de nous commander. Non, il ne faut pas fuir comme des lâches qui auraient été vaincus. . . . . bournons-nous à repasser le petit bras du Danube, et je vous jure d'y noyer tout autrichien qui voudrait le franchir à notre suite ».

Se assim o prometteu, melhor o fez. Thiers, ao descrever esta retirada gloriosa, diz: « Enfin ne voyant plus aucun devoir à remplir sur cette rive devenue un sol ennemi, et les balles des tirailleurs pleuvant déjà autour de lui, il s'embarqua le dernier, aussi fier que lorsqu'il sortait de Gênes dans une simple embarcation sous le feu de l'escadre anglaise ».

Relevem-nos recordar estes episodios heroicos, muito conhecidos, mas que devem ser sempre bem escutados pelos que professam o nobre officio das armas.

<sup>1</sup> V. Thiers, *Histoire de l'empire*, liv. XXI.

um commando secundario no exercito destinado a invadir Portugal, que elle havia governado quasi como soberano. Os generaes Reynier, Fririon, Montbrun, etc., além de reconhecerem a superioridade de Massena, eram-lhe dedicados.

Depois de ter recebido de Napoleão as instrucções geraes, que este sempre dava aos seus logares-tenentes, e que acompanhou das maiores provas de consideração, partiu Massena para Madrid, e d'ahi para Salamanca, na Castella Velha, aonde chegou com pequena comitiva.

---

Vejamos agora se podemos com sufficiente exactidão indicar as posições e a força dos dois exercitos belligerantes (anglo-luso e francez), ainda que seja isto uma tarefa difficil, porque, em regra, dos documentos officiaes não podem tirar-se elementos de inteira confiança, sendo os proprios generaes que principiam por exagerar os seus effectivos e os dos adversarios, para mais ou para menos, conforme lhes convem. Dizia Napoleão: «L'art des grands capitaines a toujours été de publier et de faire apparaitre à l'ennemi leurs troupes comme très-nombreuses, et à leur propre armée l'ennemi comme très-inferieur». Mas, entenda-se: isto deve ser antes das batalhas; depois costuma ser o contrario, tanto quanto possivel<sup>1</sup>.

Junto a Salamanca existia o 6.º corpo (Ney) e parte do 8.º (Junot), pois este ultimo estendia-se até Leon. O 2.º corpo (Reynier) estava no valle do Tejo, do outro lado da serra da Gata. Algumas d'estas posições tinham sido assignadas ás tropas francezas depois da batalha de Talavera, que não deu resultados decisivos, havendo o exercito inglez retirado para Portugal pouco satisfeito do exito da campa-

---

<sup>1</sup> Consultámos obras auctorizadas, como são a *Historia do imperio*, de M. Thiers, e a *Historia da guerra da peninsula*, pelo sr. Soriano. Quando havia discordancias demos a possivel preferencia ao primeiro nos elementos respectivos ao exercito de Massena, e ao segundo no que tocava ao exercito anglo-luso. Tambem nos serviram de auxilio as *Lições sobre a guerra da peninsula*, pelo capitão Robinson, traduzidas do inglez pelo sr. J. Mathias Nunes, capitão de artilheria.

nha, posto que houvesse combatido valentemente. O seu commandante em chefe, sir Arthur Wellesley (depois lord Wellington), firmou-se ali na opinião de que só lhe convinha reduzir-se á defesa d'este paiz, cujas forças se estavam organisando, não devendo penetrar em Hespanha senão em caso de extrema urgencia, ou quando visse que podia tomar uma offensiva vigorosa. Obedecendo a estes principios, desligou-se das tropas hespanholas, valentes sem duvida, mas por vezes mal dirigidas n'aquella epocha.

Alem dos tres corpos de exercito já mencionados e da cavallaria de reserva commandada por Montbrun, tinha Napoleão promettido a Massena o 9.º corpo (Drouet), composto de duas antigas divisões, as quaes estavam em marcha junto aos Pyreneos. Tambem tinha promettido parte da sua guarda para manter as suas communicções, etc.

Portanto não podia aquelle general em chefe contar para entrar em campanha immediatamente senão com a cavallaria de reserva e os corpos 6.º e 8.º, ou de Ney e Junot, visto como o de Reynier se achava distante e separado por uma grande serra.

Segundo Thiers, o corpo de Ney não contava mais de 26:000 homens effectivos, excellentes tropas veteranas; o corpo de Junot tinha, quando muito, 24:000 homens em que entravam, pela maior parte, soldados novos; o corpo de Reynier, que tinha pertencido ao marechal Soult, e havia já feito a segunda campanha de Portugal, constava de 15:000 homens; finalmente, a cavallaria de Montbrun formava um bello corpo de 4:000 cavalleiros excellentes. Esta cavallaria era independente da que formava parte integrante dos diversos corpos de exercito. A artilheria deveria regular por 80 bôcas de fogo, alem das pertencentes ao material de sitio. Diz o mesmo historiador que a totalidade do exercito francez era de 66:000 homens. Os historiadores portuguezes e inglezes computam-no em muito mais, talvez por metterem em conta as tropas de Drouet e outras que só d'ahi a mezes se lhe ajuntaram. O proprio Massena dizia em proclamação que ia invadir Portugal com 110:000 homens; porém, aqui julgâmos que seguiria á risca o preceito napoleonico atraz citado.

Em vista de tudo isto e fazendo entrar todos os elementos de um exercito, entendemos não errar muito, avaliando

em 70:000 homens as tropas que Massena tinha debaixo das suas ordens quando chegou a Salamanca nos ultimos dias de maio de 1810.

Alem d'esta força respeitavel e do corpo do general Drouet, havia Napoleão tambem promettido mandar invadir Portugal pelo lado do Alemtejo, com tropas de Soult, que operava na Andaluzia; e effectivamente este marechal tinha feito avançar o 5.º corpo (Mortier) sobre Badajoz, para ameaçar a praça e estabelecer communicações com o general Reynier. Comtudo, as tropas do 5.º corpo, sempre distrahidas por diversos motivos, pouco ou nenhum auxilio prestaram ao principe de Essling na epocha das operações principaes.

A posição das tropas commandadas por Massena estava muito bem justificada pelos intuitos d'este general: a invasão pelo valle do Mondego. No que vamos expor referimos, como não podia deixar de ser, ás condições d'aquella epocha. É certo que as regras estrategicas são, por assim dizer, immutaveis, mas as condições de um paiz, debaixo d'este ponto de vista, variam muito por causa das alterações nas vias de communicação. Hoje os pontos e linhas estrategicas de Portugal são muito differentes dos que existiam ha setenta e seis annos. Alguns, actualmente de grande importancia, nenhum valor tinham então, bem como de pouco valem hoje certos pontos e linhas que se reputavam de primeira ordem. Não seremos nós os divulgadores d'estas condições da actualidade, ainda que pelas nossas cartas chorographicas e por outras publicações officiaes qualquer militar estrangeiro possa inteirar-se d'ellas sem grande difficuldade.

Como diziamos, a posição das tropas francezas era justificada. Effectivamente, parece que Napoleão tinha indicado a Massena a invasão de Portugal pelo valle do Mondego, e, como operação preliminar, a tomada das praças de Ciudad-Rodrigo e Almeida, as quaes, collocadas em frente uma da outra, a primeira em Hespanha, a segunda em Portugal, e destinadas a defender cada um d'estes paizes da invasão do outro, eram embaraços serios para o accesso ao referido valle. Alem d'isto, haviam de servir de depositos. Porém as operações de sitio não necessitavam de mais de um corpo de exercito, que foi o 6.º (Ney), e portanto os outros po-

diam e deviam conservar-se algum tanto afastados, principalmente o 2.<sup>o</sup>, que continuou no valle do Tejo fazendo diversos movimentos, para, até certo ponto, tornar duvidosos ao exercito anglo-luso os logares escolhidos da projectada invasão.

É certo que esta podia operar-se por diversos pontos: pelo Minho, por Almeida, pelo valle do Tejo, e pelas terras alemtejanas.

A invasão pelo Minho devia estar fóra de qualquer combinação, pois sendo Lisboa o objectivo principal, era fazer assim um grande circuito, alem dos rios, que seria necessario atravessar. Por outro lado, a campanha de Soult n'aquella provincia não animava a uma tentativa semelhante.

A invasão pelo Alemtejo estava incumbida ao exercito que operava na Andaluzia.

A invasão pelo valle do Tejo era, sem duvida, a mais directa; mas seria necessario atravessar um terreno arido, completamente devastado e com estradas tão difficeis, que o exercito de Junot, quando pela primeira vez entrou em Portugal, esteve a ponto de ali succumbir, apesar de não ter soldados a combater. Se as tropas de Mortier obedecessem a Massena, talvez a melhor solução fosse reunir aquelle a Reynier para invadirem todo o valle do Tejo, tendo-se provido dos necessarios viveres, enquanto que Ney e Junot marchariam pelo valle do Mondego. Por este modo lord Wellington não poderia concentrar totalmente as suas forças sem abandonar uma das linhas de invasão, e o terreno não se prestava a poderem fazer-se correrias de um para outro valle, com o fim de bater separadamente os dois exercitos invasores. Era, pois, natural que o generalissimo inglez se recolhesse ás linhas de Torres Vedras sem offerer combate serio, ficando os francezes desde logo senhores das duas margens do Tejo. Mas este alvitre é puramente imaginario, porque Soult não consentia na effectiva cooperação de Mortier, allegando sempre motivos para justificar a sua attitude reservada.

A invasão simultanea com as tropas de Junot por Trazos-Montes e com as de Ney e Reynier pela Beira, era defeitosa, porque o exercito de Junot seria quasi infallivelmente detido e talvez derrotado nas muitas passagens de

rios e desfiladeiros, que teria de atravessar até descer ao Porto e seguir pela estrada de Lisboa.

Restava, pois, a entrada por Almeida e a occupação das importantes posições da Guarda, Pinhel e Celorico.

Vamos ver agora quaes foram as disposições do illustre general em chefe do exercito anglo-luso para fazer face a uma invasão, sob todos os aspectos ameaçadora, e que constituiu uma das crises mais temerosas por que passou o exercito alliado e o paiz que infelizmente lhe serviu de campo de batalha.

Lord Wellington parecia não prestar grande attenção ao soffrimento dos povos aonde manobrava, pesando sobre nós os portuguezes todas as consequencias do afastamento em que elle, depois da batalha de Talavera, se collocou a respeito dos hespanhoes, os quaes, levando até ao ultimo extremo o nobre orgulho da independencia, preferiam os proprios revezes aos triumphos obtidos á custa da supremacia britanica. Mas debaixo de ponto de vista puramente militar, as disposições de Wellington parecem-nos em muitos pontos dignas de elogio, e revelam um estudo profundo dos elementos que o rodeavam e das circumstancias criticas em que estava.

Uma das primeiras cousas que fez foi activar a construcção das formidaveis linhas de Torres Vedras, para ter um refugio seguro em que pudesse esperar occasião propicia para cair sobre os adversarios, e, mais ainda, d'onde lhe fosse possivel acolher-se sem risco aos navios inglezes. Alem d'isto, como bom general, não quiz reduzir-se pura e simplesmente á defensa d'estas linhas, pelo contrario, distribuiu as suas forças no intuito de vigiar os movimentos do inimigo e de embaraçar-lhe a marcha sobre Lisboa.

Na incerteza de qual seria o logar da invasão (ainda que tivesse como mais provavel aquelle por onde realmente se effectuou) estabeleceu em Abrantes uma forte divisão de tropas anglo-lusas commandadas pelo seu melhor logartenente, o general Hill. Estas tropas, que, segundo o sr. Soriano, regulariam por 16:000 homens de infantaria com 2 brigadas de cavallaria e 18 bôcas de fogo, observavam o

valle do Tejo e a estrada de Badajoz, transportando-se parte d'ellas para Portalegre e depois para Castello Branco, conforme os movimentos de Reynier.

Guarneceu fortemente com tropas portuguezas as praças de Elvas e de Almeida.

Deu impulso á organização do exercito lusitano, em que fundava as melhores esperanças, nunca desmentidas. Este exercito tinha já um effectivo superior a 30:000 homens de 1.<sup>a</sup> linha, e parte d'elle com 2:000 inglezes occupava Thomar e suas vizinhanças, servindo de reserva sob as ordens do general Leith.

Alguns regimentos de milicias portuguezas (2.<sup>a</sup> linha) guarneciam as provincias do Minho e Traz-os-Montes, por onde era pouco provavel a invasão. Outros occupavam diferentes pontos do Alemtejo, e na Beira a linha do rio Ponsul, que, nascendo nas proximidades de Penamacor, entra no Tejo acima de Villa Velha, constituindo uma importante defensão a E. de Castello Branco.

O proprio lord Wellington occupava a posição de Celorico, tendo sido o grosso do exercito inglez (proximamente 20:000 homens) distribuido entre Vizeu, ao N. do Mondego, e os terrenos elevados que separam as primeiras vertentes d'este rio das nascentes do Côa e do Zezere. Podia assim manobrar nas duas margens do Mondego, e communicar com o general Hill pelo S. da serra da Estrella. Esta communicação era mantida por uma brigada de cavallaria portugueza estabelecida no Fundão, e por varios destacamentos de milicias.

Para mais de perto observar os movimentos do exercito francez, que avançava sobre Ciudad-Rodrigo, mandou que uma divisão ligeira, de 5:000 homens proxicamente, passasse o Côa sob as ordens do general Crawford, ordenando a este general, que, no caso de ser atacado seriamente, retirasse para a margem opposta a reunir-se ao grosso do exercito anglo-luso, o qual regularia por 30:000 homens, não entrando n'esta somma, nem os soldados de Hill, nem os de Leith, nem as milicias.

Julgámos errar pouco computando em 60:000 homens todo o exercito anglo-luso de 1.<sup>a</sup> linha *em campanha efectiva*.

Pelo que fica exposto vê-se claramente que lord Welling-

ton não pensava em offerecer batalha ao invasor nas proximidades da fronteira, pois na incerteza do ponto de ataque, não tinha as tropas distribuidas por fórma a podel-as concentrar bastante a tão grande distancia da sua base de operações. O seu plano era retirar diante do inimigo, destruir tudo o que ao mesmo inimigo julgava proveitoso, até chegar a alguma posição escolhida, em que podesse fazer-lhe frente com todo o exercito. Uma d'estas posições era a cordilheira, que, descendo do Caramullo e seguindo pela mata do Bussaco, interrompe o valle do Mondego, deixando passar as aguas d'este rio entre alcantiladas margens, para subir depois pela Murcella até ao prolongamento da serra da Estrella.

Esta linha de cumiadas toma differentes nomes, conforme os logares por onde vae passando. Assim, seguindo do N. para o S., toma, antes de ser atravessada pelo Mondego, os nomes de serra de Boialvo, de Trezoi ou Sobrosa, do Bussaco, de Penacova, e depois os de serra da Murcella, de Santa Quiteria, de Arganil, etc., até ao Açor, parte integrante da Estrella. Alguns chamam *serra de Alcoba* ao conjuncto das alturas do Bussaco e Penacova.

Para poder concentrar o seu exercito n'estas posições ou n'outras mais para o S. (se o inimigo, em vez do valle do Mondego, escolhesse o do Zezere ou o do Tejo), mandou lord Wellington melhorar as estradas que de Coimbra e da Ponte da Murcella se dirigem ao Espinhal, e a que d'ahi segue por Thomar até Abrantes. Mandou destruir ou tornar mais intransitaveis as do valle do Zezere, por onde o inimigo poderia descer, e tambem a de Castello Branco a Abrantes, ordenando que d'esta praça se estabelecesse uma comunicação por Niza até ao desfiladeiro de Villa Velha, e que ahi, por uma ponte volante, se atravessasse o Tejo para communicar então com Castello Branco por boa estrada, a qual facilmente podia ser interrompida. Finalmente, para o caso da invasão provavel, mandou estabelecer depositos de viveres na Figueira, Coimbra e em Penacova, á beira do Mondego, e abrir d'aqui uma estrada para a Murcella.

É facil de ver que os dois exercitos, de Wellington e de Hill, posto existirem separados pela serra da Estrella, podiam retirar sobre posições que pareciam seguras, tendo as tropas do general Leith como reserva commum.

Tomadas estas judiciosas medidas, dignas de um general experimentado, lord Wellington esperou os movimentos do seu adversario.

Vejamos agora como procedia Massena.

Seguindo as instrucções napoleonicas, tratou primeiramente de tomar a praça de Ciudad-Rodrigo, o que foi incumbido, como dissemos, ao corpo commandado por Ney; mas este marechal, cuja indole não era adequada á paciencia e demora que exige um sitio em regra, propoz, secundado por Junot, que se desprezassem as praças de guerra, e que, reunindo ao seu o 8.º corpo e a cavallaria de Montbrun, se avançasse rapidamente sobre o exercito inglez, o qual tinha o quartel general em Celorico e de certo não estava sufficientemente concentrado.

Este alvitre seria accitavel se houvesse grande probabilidade de que lord Wellington preferia dar uma batalha a abandonar sem combate as suas importantes posições junto ás nascentes do Côa, do Mondego e do Zezere. Porém, tudo levava a crer que tal não faria, mesmo porque um general em chefe deve, em regra, contrariar os desejos do adversario.

Em vista d'isto, e sobretudo por causa das instrucções que tinha, oppoz-se Massena aos desejos de Ney e ordenou-lhe o cumprimento rigoroso das suas ordens; e assim, como observa Thiers, talvez procedesse contra as suas proprias tendencias, pois, ainda que se tivesse immortalisado na defesa de Genova e na tomada de Gaeta, não era este o genero de guerra que mais lhe quadrava, posto fosse tambem n'elle um capitão eximio.

Similhante controversia, logo no principio da campanha, foi a origem ou o pretexto para uma certa má vontade ou opposição que ás vezes Ney manifestava no cumprimento dos planos de Massena, a qual foi augmentando até levar este marechal a destituir aquelle do commando do 6.º corpo, quando, já em retirada, ia transpor a fronteira no anno seguinte.

A praça de Ciudad-Rodrigo, depois de uma longa e bella resistencia, foi obrigada a render-se em 9 de julho de 1810, tendo sido investida nos primeiros dias de junho. Quando

o marechal Ney lançava ao assalto da brecha duas columnas escolhidas, viu apparecer a bandeira branca no cimo d'ella e juntamente o velho governador, general Herrasti, que pedia capitulação. Foi-lhe concedida, e honrosa; pois assim era devida a este militar valente e aos seus companheiros, dignos defensores da praça.

Vencida Ciudad-Rodrigo, restava Almeida.

Foi ainda o 6.º corpo incumbido d'este assedio; e então desenvolveu Ney aquella rara energia de que era capaz e de que tantas provas deu na sua gloriosa carreira. Depois de alguns dias de descanso, indispensavel por causa da estacão e dos trabalhos soffridos, avançou este marechal com as suas tropas, seguidas das de Junot, sobre Almeida, praça bem fortificada e que promettia tambem uma longa resistencia. Durante a marcha levou Ney diante de si as forças de Crawford, o qual, sentindo a protecção da praça, quiz fazer tenaz resistencia aos francezes, contrariando um pouco as ordens de lord Wellington; mas não tardou que se arrependesse, pois, carregado no flanco esquerdo pela cavallaria ligeira de Montbrun e no centro e direita por uma divisão de infantaria (Loison), ia sendo quasi completamente envolvido e soffreu grandes perdas. É este mais um exemplo do quanto é perigoso para um subalterno qualquer afastar-se das instrucções do seu chefe.

Foi aberta a primeira parallela em frente de Almeida no dia 15 de agosto. A defesa foi muito energica, e tudo levava a crer que seria um grande embaraço á invasão franceza; porém, no dia 26 á noite, caindo uma bomba perto do paiol, houve uma terrivel explosão, que teve como consequencia a rendição da praça no dia 28.

Tinha Massena por este modo executado com exito feliz a primeira parte da campanha, e tudo parecia combinar-se para a confirmação, cada vez maior, do seu appellido de *filho querido da victoria*. Porém o generalissimo francez não se illudia, e, segundo afirma Thiers, escreveu a Napoleão, expondo-lhe as difficuldades da empreza, posto que ignorasse a existencia das linhas de Torres Vedras.

Respondeu-lhe o imperador, enchendo-o de elogios, dando-lhe muitos parabens pelo inicio da campanha, e affirmando que eram vãos os receios manifestados, pois ainda que transpозesse a fronteira só com 60:000 homens, era

gente de mais para bater completamente 25:000 inglezes, mesmo entrincheirados nas melhores posições (via-se que não contava com os portuguezes); e acrescentava: ser impossivel suppor o contrario com tal exercito, commandado por um general, que se chamava Massena, duque de Rivoli e principe de Essling.

Massena resignou-se. Reparou as duas praças conquistadas, abasteceu-as, guarneceu-as, organisou ahi armazens de viveres para todo o exercito; emfim, estabeleceu a nova base de operações para penetrar no coração de Portugal.

A 16 de setembro marchava todo o exercito, tendo Reynier alguns dias antes deixado o valle do Tejo para se reunir a Massena, transpondo a fronteira nas alturas de Alfaiates. Por este modo, no referido dia, o 2.º corpo, que formava a esquerda, pernitoou na Guarda; o 6.º corpo, que formava o centro em Maçal e as avançadas talvez em Celorico; o 8.º, ou a direita, com os comboios e parte da artilheria e cavallaria em Pinhel, que, já alguns dias antes, existia em poder dos francezes.

Estava pois effectuada uma concentração vantajosa, porisso que se haviam occupado os melhores pontos para a projectada invasão.

Existe a cidade da Guarda n'um dos planaltos da Estrella, e póde dizer-se que marca a divisão entre os rios Zezere, Côa e Mondego. Effectivamente, uma das primeiras vertentes do Zezere parte de Aldeia do Bispo, que fica 4 legua ao S. d'aquella cidade, e d'ahi, reunindo-se á que deriva de Manteigas, fórma o dito rio, o qual, seguindo pelo SE. da serra da Estrella, quasi parallelamente á mesma serra durante mais de 20 leguas, volta depois para o S., lançando-se no Tejo em Constancia, 2 1/2 leguas abaixo de Abrantes. Algumas vertentes do Côa nascem junto da Guarda (a E. e N.). O Mondego tem a sua origem a SO. da cidade, passa perto d'ella obra de 4 legua e na direcção N., em seguida vira rapidamente para O. entre Barracal e Celorico, correndo depois, como o Zezere, durante muitas leguas, n'uma direcção parallelá á serra da Estrella, porém, do lado opposto; passa por entre alcantiladas margens até perto de Coimbra, e, dando lugar d'ahi para baixo a uma extensa bacia pantanosa, entra por fim no Oceano.

Pinhel e Maçal existem no mesmo planalto da Guarda: Pinhel, 6 leguas para o NE. e sobre a margem esquerda do Côa; Maçal, 3  $\frac{1}{2}$  leguas para o N. e à direita do Mondego; por fórma que Maçal, Guarda e Pinhel formam proximamente um triangulo isosceles, de que Maçal é o vertice. Celorico está já no valle do Mondego e sobre a sua margem esquerda.

Portanto Massena, occupando os pontos referidos, podia manobrar nos valles do Côa, do Mondego, do Zezere e mesmo no do Tejo, se não receasse atravessar os terrenos inhospitos d'este ultimo.

Alem d'isto o 2.º corpo (Reynier), tendo occupado a Guarda, interceptava as communicações mais directas entre o tenente general Hill e lord Wellington.

Que fazia, pois, o commandante em chefe do exercito anglo-luso?

Parece á primeira vista que este general poderia ser criticado por não ter soccorrido as praças de Ciudad-Rodrigo e Almeida, e por ter abandonado sem combate as importantes posições que acabámos de indicar. Cremos até que algumas censuras se formularam. Um notavel escriptor inglez, o capitão Robinson, no seu estudo sobre a guerra da peninsula, diz que lord Wellington poz o seu exercito em movimento para inquietar o inimigo, quando cercava Almeida, mas que não progrediu por causa da noticia da entrega da praça.

Parece isto uma desculpa. Julgámos, porém, que lord Wellington não necessitava d'ella, e que nunca pensou em socorrer Almeida. Se isso projectasse, começaria naturalmente a mover-se mais cedo.

O general inglez não tinha ainda completa segurança na firmeza do nosso exercito, só depois se convenceu cabalmente da bizarrria das tropas portuguezas; e não era com 20:000 inglezes que podia bater o exercito de Massena junto de Almeida, em terreno descoberto. Arriscava-se, pelo contrario, a ver invadir o valle do Tejo pelas tropas de Reynier, arriscava-se a ser envolvido e cortado da sua base de operações, arriscava-se enfim a perder completamente a campanha. As praças que se defendessem como podessem, pois com isso prestariam excellentes serviços, demorando a invasão e enfraquecendo o inimigo.

Facto mais grave, segundo nos parece, foi o prompto abandono da Guarda ás tropas de Reynier, que talvez podesse bater separadamente, lançando-as, por meio de uma marcha rapida, sobre os desfiladeiros d'onde surgiram, e atacando-as pela frente e pelo flanco. Porém, Wellington não tinha o genio audacioso de Napoleão; era um general prudente, que não queria arriscar-se ás contingencias de uma batalha n'aquellas alturas. Recolheu, pois, o exercito á margem esquerda do Mondego, e assim foi retirando até á serra da Murcella, fazendo fugir diante as populações válidas e destruindo todos os recursos locais. Deve dizer-se que a maior parte do povo fugia voluntariamente; tal era o medo que havia dos francezes, medo aliás muito justificado por causa das atrocidades commettidas por elles.

Esta escolha da linha de retirada foi excellente, pois, alem de uma serie de posições defensivas, tinha os seus flancos constantemente apoiados. (Veja-se a *Carta de Portugal*.)

Massena não desceu do planalto da Guarda sobre o valle do Tejo, seguindo a estrada de Castello Branco, porque naturalmente teve em vista as rasões que já expendemos; não desceu pelo valle do Zezere pelos mesmos motivos. Seguiu pelo valle do Mondego.

Estando senhor das origens d'este valle, poderia marchar pela direita ou pela esquerda do rio. Principiou a invasão por ambas as margens, mas na altura de Juncaes e dos Fornos passou todo o exercito á margem direita.

Procuremos a causa d'esta manobra.

Dizem alguns que procedeu assim porque o enganaram nas informações, e porque não tinha conhecimento do paiz, pois que melhor praticava seguindo pela esquerda. Julgámos que Massena não possuiria realmente um conhecimento completo do paiz, mas n'este caso bastava-lhe a simples inspecção da orographia local. Tinha um rio correndo na direcção da sua frente—o Mondego; do lado esquerdo, muito proxima e seguindo parallelamente a elle, uma grande e elevada cordilheira—a serra de Estrella; do outro lado só muito ao longe se avistavam os pinaros do Caramullo e os contrafortes da serra da Arada; era portanto de suppor que os terrenos da margem direita fossem menos cortados e sobre tudo mais extensamente fertes. Alem d'isto a re-

tirada de lord Wellington pela esquerda denotava que existiam ali posições mais difíceis de vencer.

Effectivamente, Massena não se enganava, apesar de algumas opiniões em contrario. Se proseguisse pela margem esquerda encontraria successivas ribeiras perpendiculares á sua linha de marcha n'um paiz completamente devastado, e por ultimo veria o exercito anglo-luso concentrado na serra da Murcella e Santa Quiteria, com os flancos fortemente apoiados, e tendo na frente um fosso natural e profundo—o rio Alva. Tornear o exercito alliado seria então impossivel, a não ser que passasse na Foz-Dão para a margem direita do Mondego, offerecendo o flanco ao inimigo em condições arriscadissimas.

Andou portanto mais acertadamente o generalissimo francez, seguindo os caminhos que o conduziram a Vizeu e suas immediações, aonde chegou a 19 de setembro com os corpos 2.º e 6.º do seu exercito.

Dois dias permaneceu n'esta posição para reunir a si o 8.º corpo, o qual, incumbido de escoltar as bagagens pesadas e o parque da artilheria, havia soffrido muito por causa dos pessimos caminhos, tendo varias vezes de combater a perseguição das tropas portuguezas de segunda linha, commandadas pelo coronel Trant. Alem d'isto feram os dois dias aproveitados no concerto de algum material e n'outros arranjos e disposições, que o proseguimento da marcha exigia.

Estando senhor de Vizeu, podia Massena, em vez do caminho que adoptou para marchar sobre Coimbra, dirigir-se a Vouzella e S. Pedro do Sul, e descer d'ahi pelas vertentes do Vouga, torneando a serra do Caramullo pela direita, até chegar ao Sardão, por onde passa a estrada real do Porto a Lisboa. Porém, não possuindo cartas que merecessem este nome, talvez ignorasse a existencia d'aquella passagem, a qual o não deveria attrahir por conter longos desfiladeiros. Alem d'isto desconhecendo em parte os obstaculos que encontraria no caminho que passa pelo Bussaco, era natural que preferisse marchar sobre os alliados a fazer um circuito arriscado e difficil. É certo, porém, que chegaram a S. Pedro do Sul algumas patrulhas francezas, indicando que os reconhecimentos, como era natural, se estenderam tambem para aquelle lado.

Terminado o descanso supradito, mandou Massena organizar uma divisão ligeira de infantaria, commandada por Loison, a qual, juntamente com a cavallaria de Montbrun, foi incumbida de ir preparando o caminho para a marcha de todo o exercito.

Estes dois generaes da vanguarda empregaram n'este serviço os dias 22 e 23, sustentando pequenos combates com a brigada portugueza commandada por Pack e com as tropas ligeiras de Crawford, que haviam repassado o Mondego na sua frente para demorar a marcha do inimigo. Foram assim tomadas e reparadas as pontes sobre o Criz e o Dão, que os alliados haviam cortado.

No dia 25 toda a força do 2.º e 6.º corpo havia passado o rio Criz; e tendo os generaes Loison e Montbrun forçado com alguma difficuldade a profunda ribeira de Mortagua e seguido as tropas de Crawford e Pack, viram-n'as acolher-se ás alturas do Bussaco, aonde, pelo desenvolvimento de forças consideraveis, descobriram que o exercito anglo-luso se achava em posição de combate.

Eis-nos finalmente chegados a este campo de batalha, que passámos a descrever o mais exactamente possível.

O plano junto extrahimol-o de um reconhecimento que fizemos no terreno, quando abi escolhemos os vertices de muitos triangulos, que serviram de base á carta chorographica; corrigimol-o depois com os elementos tirados da mesma carta, quando foi publicada pela direcção geral dos trabalhos geodesicos; porém, na redução d'estes elementos á escala de  $\frac{1}{150,000}$  e na construcção do dito plano<sup>1</sup>, aproveitámos só as linhas de agua principaes e as estradas de maior importancia, debaixo do ponto de vista militar; isto é, as ribeiras que melhor definem a fórma geral do terreno e as estradas que se prestavam então ao transito de todas as armas de um exercito. Estas estradas vão indicadas por dois traços cheios equidistantes, havendo outras menos transitaveis, mas de alguma importancia, que representá-

<sup>1</sup> As secções horisontaes tem 50 metros de equidistancia.

mos por traço e linha pontuada. Eliminámos muitas povoações e caminhos; pois, de nada servindo no estudo da batalha, enchiam a carta de particularidades escusadas e que dificultavam a gravura.

É certo, porém, que no estudo do terreno, em que vae ferir-se uma batalha ou combate, todas as particularidades são convenientes, e quantas mais melhor. O que para uns pôde ser julgado de nenhuma valia, poderá ser aproveitado por outros, e é n'este criterio em aproveitar e desprezar que consiste o segredo da arte da guerra. Mas para o estudo de factos consummados, como agora acontece, não ha inconveniente em aligeirar a carta, indicando só os pontos e linhas que tiveram ou deviam ter um valor real.

Vamos pois á descripção.

---

Como dissemos, a linha de cumiadas, que fecha o valle do Mondego junto a Penacova, vae tomando differentes nomes, conforme as localidades. Trataremos agora das alturas á direita do rio, por serem aquellas que serviram para o campo de combate e para o importante movimento que o exercito francez effectuou em seguida á batalha.

Desde Penacova até á mata do Bussaco dirige-se a dita linha para o actual N. magnetico, depois vira para o N. verdadeiro até curta distancia, e d'ahi por diante deriva successivamente para NE., acabando a serra de Boialvo, por unir-se á do Caramullo quasi na direcção de E.

Esta cumiada extensa, mais ou menos inflectida por causa das linhas de agua, pôde considerar-se como formando uma curva circular de  $2\frac{1}{2}$  leguas de raio, approximadamente, cujo centro é a povoação de Mortagua.

Convergem para esta villa, e ajuntam-se nas suas proximidades, tres ribeiras de alguma importancia. A primeira desce do extremo E. da serra de Boialvo (nos pontos mais chegados ao Caramullo), correndo na direcção do S.; a segunda, e a mais importante, tem consideraveis ramificações, que derivam da mesma serra de Boialvo e da serra da Sobrosa, ou Trezoi, e corre finalmente na direcção de SE.; a terceira, menos importante e que no verão leva mui pouca agua, nasce na encosta oriental do mais consideravel

massiço do Bussaco; e, correndo para E., vae ajuntar-se,  $\frac{1}{2}$  legua ao S. de Mortagua, com as que deixámos indicadas, formando então uma ribeira volumosa, que tornea circularmente as alturas de Caparrosinha, para ir confundir-se com o Mondego.

Os terrenos em volta da dita villa são baixos e quasi planos, excepto para o S., aonde com mui pouco afastamento attingem alturas consideraveis (as de Caparrosinha), que são dominantes até mais de 2:500 metros em redondo.

Quatro estradas principaes (as unicas por onde podia rodar artilheria) concorrem em Mortagua: a primeira vem das pontes do Criz e do Dão; as tres restantes dirigem-se para as cumiadas do Bussaco e Boialvo, ao longo dos tres mais extensos contrafortes, que denominaremos de Santo Antonio do Cantaro, de Moura e de Agualevada. Alem d'isto, quem partir de Mortagua pela estrada que conduz ao Criz, encontra a pouca distancia da villa um bom caminho, o qual, seguindo para o S., vae ter ao ponto em que se ajuntam os rios Dão e Mondego, e que se denomina Foz-Dão. O Mondego é aqui facilmente vadeavel no estio e em parte do outomno, e tem do outro lado caminhos regulares.

Vê-se, pois, pelo exposto, que era Mortagua um ponto strategico de summa importancia para o exercito, que, descendo de E., tivesse em vista forçar a cordilheira obstruente do valle do Mondego entre o Caramullo e a serra da Estrella, isto é, que se estende por Boialvo, Bussaco, Murcella e Arganil.

Como dissemos, eram tres as estradas, que, saindo de Mortagua (ou seus arrabaldes) para as bandas do occidente, transpunham as alturas.

A primeira, chamada de Santo Antonio do Cantaro, por passar na pequena aldeia d'este nome, atravessa a serra do Bussaco por um collo ou portella, que existe junto e ao S. do seu maior massiço; depois, descendo rapidamente, entra no valle do Botão, e, voltando ao S., segue para Coimbra. Esta estrada, antes de atravessar o Bussaco, apresenta uma variante em muito peiores condições, a qual transpõe a serra na portella de Oliveira, e, dirigindo-se para o poente ao cume da Fontinheira, desce d'ahi pelo Dianteiro até entrar em Coimbra por Santo Antonio dos Olivaes.

A segunda, chamada propriamente do Bussaco, passa

pela aldeia de Moura, e depois perto da de Sula, tornea pelo N. da mata o grande massiço da serra, baixando em seguida com menor declive que a primeira até á Mealhada, onde encontra a estrada real do Porto a Lisboa.

A terceira estrada rompe de Mortagua para o NO., passa junto á povoação de Espinho, sobe d'ahi pelo contraforte de Agualevada até ao cume da serra de Boialvo, desce por desfiladeiros profundos e apertados até á povoação d'este nome, e depois entra em planicie, seguindo directamente para o Sardão, ou, virando para Avellãs de Cima e Avellãs de Caminho, entronca ahi na dita estrada real. Este caminho de Boialvo tambem se bifurca em Espinho, dirigindo-se por terreno mui aspero ás alturas de Trezoi ou Sobrosa, desce depois para o apertadissimo desfiladeiro de Algeriz, que transpõe para atravessar o valle de Villa Nova, podendo seguir para a Mealhada ou Anadia.

Devemos tambem dizer que a variante da primeira estrada, antes de subir á portella de Oliveira, se bifurca n'outra, que, descendo para o Mondego, ao longo da encosta da serra e a E. d'ella, atravessa, já perto do rio, para Penacova em terrenos escabrosos, que mal comportam o transito de cavalgadas.

Pelo que fica dito, vê-se que, posto sejam só tres as estradas que de Mortagua seguem para a serra, podia esta ser transposta por seis caminhos; mas d'estes só tres eram possiveis á artilheria. O desfiladeiro de Algeriz, alem de ser mui pouco transitavel, é completamente dominado pelas alturas de Ninho de Aguia, onde, como veremos, se apoiava a esquerda do exercito alliado, e que no plano tem a cota de 310 metros; o caminho que vae por Penacova está no mesmo caso; só o de portella de Oliveira é menos escabroso, mas ainda assim, sendo improprio para viaturas, conduz á serra do Dianteiro, que é cortada por varias ravinas profundissimas, e apresenta tractos de terreno difficeis de transpor.

Não mencionâmos no plano um outro caminho, que, da estrada de Santo Antonio do Cantaro deriva para Gondelim, e que segue d'aqui junto á margem do Mondego até entroncar no de Penacova, já referido; pois é totalmente improprio para a marcha de um exercito, o qual, alem das difficuldades da passagem, correria o perigo de ser lançado nos precipicios que ladeiam o rio.

Analysemos agora a parte da cordilheira, que realmente serviu de campo ao grosso do exercito alliado no dia da batalha. Temos primeiro o massiço que se levanta junto a Penacova, o qual, attingindo a cota de 472 metros sobre as aguas medias do Oceano, é quasi inaccessible pelo sul, nascente e poente. Este massiço segue obra de 3 kilometros, na direcção do actual N. magnetico, apresentando uma cumiada unida com estreita faixa de terreno pouco inclinado lateralmente; depois desce 70 metros em leve declive para dar lugar á portella de Oliveira, já mencionada. D'ahi por diante, até á portella de Santo Antonio do Cantaro, e na extensão de 4 kilometros, segue a cumiada na mesma direcção, com terreno aspero e alcantilado coberto de pedras soltas e varios penedos em fórma de crista, sendo inaccessible do nascente e poente, isto é, dos lados de Mortagua e Coimbra. Passada esta portella, que terá como a de Oliveira a cota de 400 metros, e quasi na mesma direcção, eleva-se a dita cumiada para tornar a descer um pouco, á distancia de 1 kilometro; depois começa, durante outro kilometro, a grande subida de quasi 150 metros, pela qual se entra no extenso planalto do principal massiço do Bussaco. Esta alta-chã compõe-se de um terreno plano e unido com 2:000 metros de comprimento por 600 de largo, proximamente, aonde podiam manobrar todas as armas. Findo o planalto, começa a mata do antigo convento, a qual desce rapidamente para o NO. na extensão de 1:500 metros, chegando outra vez a cumiada a ter a cota de 400 metros no ponto em que é atravessada pelo caminho que vem de Mortagua por Moura. D'aqui segue para o N. verdadeiro, e assim vae, na extensão de 3:500 metros, com terreno unido e de facil transito, até ao ponto chamado Ninho de Aguiá, já referido.

Devemos acrescentar que o principal massiço do Bussaco só é accessivel ao N. e ao S., isto é, por junto da mata, aonde está hoje o monumento commemorativo da batalha, e pela portella de Santo Antonio do Cantaro; e que, em geral, toda a cordilheira tem mais rapidas inclinações ao poente do que ao nascente.

Vejamos agora as disposições tomadas antes da batalha pelo exercito anglo-luso.

Quando lord Wellington teve exacto conhecimento da marcha do inimigo sobre Vizeu, tratou logo de concentrar o seu exercito nas posições de antemão escolhidas na cumiada que deixámos descripta. Chamou as forças acantonadas em Thomar e suas vizinhanças, sob as ordens do major general Leith. Alem d'isto o tenente general Hill, que tinha, como dissemos, as tropas do seu commando em Abrantes e Castello Branco, para observar o valle do Tejo, vendo a marcha definitiva de Reynier sobre a Guarda e as communicações cortadas com Celorico, retrocedeu immediatamente para se dirigir a marchas forçadas pelo Espinhal á serra da Murcella. Este general habil, não tendo, segundo dizem, recebido ordens recentes do commandante em chefe, tomou sobre si a responsabilidade da manobra, a qual, posto fizesse parte do plano geral da campanha, poderia ser causa de indecisão n'um espirito menos resolutivo.

No dia 21 de setembro chegou lord Wellington ao convento do Bussaco com o seu estado maior, e ahi pernoitou até á retirada do exercito anglo-luso, a qual teve logar no dia 29 pela manhã, como veremos.

As tropas alliadas foram logo tomando posição debaixo da inspecção immediata do general em chefe, havendo o tenente general Hill, que tinha chegado á serra da Murcella, feito na vespera da batalha um pequeno movimento sobre a esquerda com quasi toda a sua divisão, passando o Mondego em Penacova, para postar-se nas alturas d'este nome, junto á portella de Oliveira, e substituir as tropas do general Leith que ahi estavam, e que poderam assim mover-se mais para o N., serrando a linha de batalha.

Cumpre-nos agora advertir o leitor de que na collocação das tropas, indicada no plano junto, não temos a pretensão de um absoluto rigor, pois sendo a escala mui pequena, os signaes convencionaes têm forçosamente de exceder os limites d'ella para serem intelligiveis, e por isso alguns intervallos das tropas serão exagerados para mais ou para menos<sup>1</sup>. O que tivemos em vista foi dar uma idéa da sua

<sup>1</sup> Estamos convencidos de que mesmo nos planos de batalhas, que se acham juntos ás mais importantes obras militares, e construí-

disposição geral, e n'isto julgámos ter chegado á possível exactidão; pois, além dos documentos que consultámos, percorremos muitas vezes o terreno, colhendo ahí algumas informações importantes.

É tambem necessario attender aos alcances das bôcas de fogo n'aquella epocha, em que as peças de artilheria de campanha não atiravam além de 4:000 ou 4:200 metros, sendo de pouco mais de 500 a distancia do *ponto em branco*.

Junto á portella de Oliveira estabeleceu-se a divisão do tenente general Hill, tendo um corpo destacado para a direita, a fim de observar a encosta do lado do Mondego; mais para o N., entre a portella de Oliveira e a de Santo Antonio do Cantaro, foi collocada a divisão do major general Leith; seguia-se, mesmo em frente de Santo Antonio do Cantaro, a divisão do major general Picton, da qual faziam parte os regimentos portuguezes n.ºs 8, 9 e 21 de infantaria; no grande massiço do Bussaco, e occupando parte da mata, estacionava a divisão do tenente general Spencer, tendo na frente do flanco esquerdo a brigada portugueza Pack (regimentos de infantaria n.ºs 4 e 16 e caçadores 4): mais ao N. achava-se a divisão ligeira do brigadeiro general Crawford, da qual faziam parte os battalhões de caçadores portuguezes n.ºs 1 e 3, tendo como reserva a brigada Coleman (regimentos de infantaria portugueza n.ºs 7 e 19 e caçadores 2); finalmente a divisão do tenente general Cole, em que entravam duas brigadas portuguezas, tomou posição na extrema esquerda e estendia-se até ao alto do Ninho de Aguiã.

Em frente da ponte da Murcella, para observar quaesquer movimentos do inimigo na margem esquerda do Mondego, estava a cavallaria portugueza com o regimento inglez n.º 13 de dragões ligeiros, formando uma divisão ás ordens do brigadeiro general Fane. Áquem da mesma ponte e sobre a serra achava-se uma brigada de infantaria, commandada pelo coronel Lecor.

O grosso da cavallaria ingleza (segundo as expressões de

---

dos em grande escala, haverá muitas vezes o seu tanto ou quanto de phantasia, quando se tratar de pequenas deslocações de tropas; pois só os que pelejaram poderiam dar d'ellas exacta conta, e esses nem sempre tiram os necessarios apontamentos na occasião do combate.

lord Wellington) estava *postada na retaguarda do seu flanco esquerdo, observando a planície e a estrada, que vae de Mortagua para o Porto, através do terreno montanhoso, que une a serra do Bussaco com a do Caramullo.*

Todas estas posições foram bem escolhidas para a defensiva. As da cordilheira do Bussaco tinham sómente dois ou tres pontos accessiveis e eram dominantes. Coñtudo, segundo a nossa humilde opinião, a linha occupada pelo grosso do exercito anglo-luso tinha o defeito de não permittir uma retirada em regra, no caso de ser forçada em algum dos seus pontos, principalmente no centro.

A serra do Bussaco fórma como que um desfiladeiro invertido, em que as communicações de um para outro ponto só podem fazer-se pela cumiada, a qual, em grande extensão, tem unicamente uma estreita faixa de terreno transitavel; aos lados estão despenhadeiros. Se, por exemplo, a portella de Santo Antonio do Cantaro fosse tomada pelos francezes, ficaria o exercito alliado cortado ao meio, sem poder reunir-se na retaguarda, senão a grandes distancias e com muito custo.

Abstrahindo d'este inconveniente grave, a posição defensiva era boa, como dissemos. Hoje outras considerações tinham de ser feitas por causa dos caminhos de ferro, novas estradas e aperfeiçoamentos no material de guerra; porém, nada diremos sobre estas circumstancias da actualidade.

Parece que, segundo os melhores calculos, o exercito alliado tinha em numeros redondos 60:000 homens de todas as armas (dos quaes 29:000 eram portuguezes) e 50 peças de artilheria. Já anteriormente fizemos indicações a este respeito.

---

Vejamos agora como continuou a avançar o exercito francez.

No dia 26 de setembro pela manhã, segundo as maiores probabilidades, passavam os corpos 2.º e 6.º a ribeira de Mortagua, occupando as tropas do 2.º (Reynier) a estrada que conduz a Santo Antonio do Cantaro, e as do 6.º (Ney) a que por Moura se dirige ao alto do Encarnadouro, junto á cerca do convento. Estavam assim em poder dos francezes os dois contrafortes principaes da serra e o valle de

Lourinha, que os separa. Os generaes de Massena descobriram sobre a crista das alturas e para os lados da portella de Oliveira um continuo mover de tropas do S. para o N.: eram alguns soldados de Leith e os de Hill, que tomavam posição.

O marechal Ney e o general Reynier concluíram d'estes movimentos que o exercito anglo-luso ainda não havia terminado a sua concentração em ordem de batalha, e clamavam que era necessario atacar de prompto a linha, como unico meio de vencer obstaculos, que mais tarde podiam ser insuperaveis.

É certo que estes generaes alguma razão tinham, porém não era de suppor que lord Wellington estivesse desprevenido; pelo contrario, se mandou reunir a si pela manhã as tropas de Hill, já tinha em posição a maioria do seu exercito. Suppor outra cousa seria attribuir ao generalissimo inglez uma total imprevidencia, em opposição com o seu genio e com o tempo de que tinha podido dispor.

Por outro lado as tropas francezas não estavam ainda completamente reunidas; faltava o 8.º corpo (Junot) e grande parte da artilheria, e faltava sobre tudo o general em chefe que tinha ficado para traz a dar impulso ao movimento d'estas forças. Portanto, Ney, apesar do seu ardor, teve de esperar, mesmo porque não queria a responsabilidade de empregar um ataque geral.

Só depois das duas horas da tarde começou a desfilar por Mortagua o grosso da artilheria com o 8.º corpo, e Massena, quando se adiantou, mal teve tempo de reconhecer o terreno aonde ia travar-se a lucta.

Chegámos a um dos pontos em que mais criticado foi o general em chefe do exercito francez. O proprio Thiers, grande admirador de Massena, não o absolve. E effectivamente, havendo recebido no dia 25, isto é, na vespera, as participações dos seus generaes de vanguarda Montbrun e Loison, que indicavam o estabelecimento em batalha do exercito anglo-luso, mal se concebe como se não adiantou pessoalmente para reconhecer o terreno e dar as convenientes ordens na occasião da chegada dos corpos 2.º e 6.º Deve, comtudo, ponderar-se que Massena queria dar um golpe decisivo, e, suppondo, com bom criterio, que lord Wellington só o esperaria em fortes posições, era natural

que desejasse reunir todo o exercito para apprehender o ataque.

Alguns desculpam Massena dizendo que elle não acreditava na realidade da batalha offercida pelo exercito alliado, e que attribuia a Montbrun e Loison o engano de suporem um exercito aonde só existiria uma forte divisão. Para nós esta desculpa de nada vale. Montbrun e Loison eram generaes experimentados e os seus avisos deviam ser tidos em grande conta. A verdadeira desculpa de Massena está no justo empenho que tinha em reunir as suas forças. Que diriam d'elle se, não tendo o exercito concentrado, desse a batalha e fosse repellido? Naturalmente seria alvo de critica ainda maior, e, segundo julgámos, justificada. Ora uma concentração, ou antes reunião rapida, não era possivel por causa dos caminhos.

Alem d'isto, o que mais convinha a Massena, era dar batalha pela manhã e não de tarde. Se vencesse a batalha em altas horas do dia, tinha tempo de perseguir o inimigo por desfiladeiros e ravinhas profundas, que, ás vezes, muito embaraçam as retiradas; se a vencesse perto da noite, estes mesmos embaraços se voltariam contra o perseguidor, e elle não contava ser perseguido, como aconteceu.

Em summa, julgámos que o generalissimo francez, chegando, um pouco tarde, aos contrafortes da serra do Busaco, commetteria um erro mais aparente que real, isto é, mais na fórma do que no fundo.

Effectivamente, supponhamos que Massena, com os seus corpos 2.º e 6.º dava immediatamente a batalha. Não poderia fazel-o antes das oito ou nove horas da manhã, porque o grosso d'aquelles corpos só ao romper do dia 26 começou, como é mais provavel, a desfilar por Mortagua, e os caminhos ali eram então pessimos. Ora, ás nove horas da manhã já a divisão Hill se devia achar sobre a portella de Oliveira; portanto o exercito anglo-luso teria completado a sua reunião.

Parece-nos que não é facil affirmar o contrario. Eis as palavras de lord Wellington na sua participação official: «Como todo o exercito do inimigo estava no lado direito do Mondego, e como igualmente era evidente que elle intentava forçar a nossa posição, o tenente general Hill passou aquelle rio fazendo um pequeno movimento para a sua es-

querda na manhã de 26, deixando ao coronel Lecór postado com a sua brigada na serra da Murcella em ordem a cobrir a direita do exercito, etc.» Isto quer dizer, segundo entendemos, que o exercito alliado estava já em posição na serra do Bussaco, tendo destacada na Murcella a divisão Hill, mas vendo lord Wellington na tarde do dia 25 as intenções definitivas do inimigo, mandou que a dita divisão se deslocasse *um pouco* sobre a sua esquerda, passando o rio em Penacova, e occupasse a portella de Oliveira, o que deu logar ao movimento das tropas notado por Ney e Reynier. Estes movimentos eram os da divisão Hill, que chegava, e os de algumas tropas de Leith, que, sentindo-se apoiadas na direita, se concentravam ou condensavam. Mas a portella de Oliveira dista muito menos da serra da Murcella, que de Mortagua, portanto, quando as ultimas tropas de Ney e Reynier deixassem aquella villa, já as de Hill deveriam estar na dita portella, tendo ainda a seu favor um caminho recentemente concertado.

Depois que Massena fez o seu reconhecimento, o qual deveria ter logar no dia 26, perto da noite, dizem que reuniu conselho de generaes para se discutir o que seria mais conveniente fazer. N'essa occasião parece que o marechal Ney foi contrario ao ataque da posição, por ser inopportuno, propondo o alvitre de uma retirada para Vizeu, até chegarem reforços. Massena estranhou e repelliu este alvitre, não o julgando proprio d'aquelle audacioso marechal. Dizem tambem que Fririon e Eblé propunham que se torneasse a posição dos alliados, sem saberem ainda por onde, e que Reynier, apesar da sua prudencia habitual, foi o unico que abraçou as idéas do general em chefe, chegando mesmo a affirmar que tinha reconhecido especialmente a posição de Santo Antonio do Cantaro, e que a julgava atacavel.

Massena decidiu-se a atacar no dia seguinte pela manhã, e entendemos que esta resolução era a melhor, ainda mesmo no caso de ter já conhecimento da existencia do desfiladeiro de Boialvo.

Por muito poucas luzes que o general francez tivesse então da geographia de Portugal, de certo não ignorava que as tropas luso-britannicas estavam com as costas voltadas para o Oceano, distante apenas oito leguas, e que para re-

colher-se a Lisboa, deveriam atravessar o Mondego, o qual, se n'aquella estação era vadeavel em alguns logares, não deixava comtudo de ser obstaculo muito attendivel na retirada de um grande exercito. Alem d'isto, tinha a posição central — Mortagua, e os alliados occupavam uma extensa linha, cujos pontos estavam pouco mais ou menos á mesma distancia d'aquelle centro. Logo, sendo muito possivel o rompimento da linha com um ataque impetuoso sobre uma das portellas da cumiada, como dizia Reynier, era natural que Massena aproveitasse o ensejo de bater n'aquellas circumstancias os seus adversarios, podendo assim terminar a campanha com um unico golpe. E note-se que o principe de Essling ignorava completamente a existencia das linhas de Torres Vedras; se assim não fosse, maior seria o seu empenho em acceitar a batalha.

---

No dia 27, depois das duas horas da manhã, todo o exercito francez se poz em movimento para occupar as posições indicadas pelo commandante em chefe; a saber:

O 2.º corpo (Reynier) postou-se junto a Santo Antonio do Cantaro em columnas de ataque, avançando para a frente d'esta povoação a divisão Merle, seguida pela brigada Foy da divisão Heudelet.

O 6.º corpo (Ney) postou-se junto á povoação de Moura, occupando a sua frente a divisão Loison, seguida a conveniente distancia pela divisão Marchand em columna cerrada; o marechal Ney dispoz em reserva a divisão Mermet.

O 8.º corpo (Junot) servia de reserva geral e occupou, em batalha, o valle de Lourinha n'uma linha perpendicular ao talweg, e tendo na frente um caminho transversal por onde podia communicar com os dois contrafortes lateraes (veja-se o plano)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Nos antigos planos da batalha do Bussaco vé-se o 8.º corpo formado na rectaguarda do 6.º Não nos parece isto provavel: primeiramente o 6.º cõrpo, sendo o maior de todos e tendo uma divisão em reserva, era o que menos necessitava de apoio immediato. Alem d'isto, estando o 2.º corpo separado do 6.º por um valle profundo, ficava assim muito distante para ser soccorrido; e era este corpo o

A cavallaria, em vista do terreno impróprio para manobrar, foi collocada em massas nas extremidades d'estes contrafortes, tendo uma brigada occupado o fundo do valle, na rectaguarda do 8.º corpo. Com esta disposição propunha-se o general Montbrun rebater ou ajudar a rebater qualquer movimento do inimigo, se intentasse descer das alturas. Alem d'isto disseram-nos que dois destacamentos de cavallaria occupavam a estrada, junto a Espinho, e a que, a E. de Mortagua, se dirige para a Foz-Dão. Achámos isto muito admissivel e até provavel, pela conveniencia que havia de vigiar aquelles caminhos.

A artilheria tinha um papel secundario para o ataque, por causa da configuração desfavoravel das cumiadas; ainda assim, alem de algumas bôcas de fogo annexas aos dois corpos atacantes, foi estabelecida, para ir apoiando as tropas de Ney, uma bateria nas alturas da Atalaya, pequeno contraforte do maior massiço do Bussaco, que dá lugar á bifurcação do valle de Lourinha. Na extremidade d'este contraforte, e um pouco para a frente do 8.º corpo, estava Massena com o seu estado maior. O exercito francez regularia por 55:000 homens.

---

Ao romper da manhã começou o ataque na esquerda dos francezes. A divisão Merle largou a estrada, e, obliquando

---

mais pequeno (com grande differença), e por isso o que maior apoio necessitava. Acresce ainda ser Santo Antonio do Cantaro o ponto, n'aquella epocha, mais accessivel, e portanto aonde mais conviria dar um golpe vigoroso, conforme a opinião de Reynier. Ora a posição que damos á reserva (salvos quaesquer movimentos para a frente na occasião do ataque), é aquella que melhor satisfaz ao seu fim. As informações locais parecem confirmar isto mesmo.

Emquanto á artilheria não é facil assignar-lhe posição. Dos cabeços fronteiros á serra mal podia alcançar-se a linha dos alliados, a não ser a dos atiradores dispersos nas encostas, aonde os tiros seriam muito pouco efficazes. É natural que algumas bôcas de fogo acompanhassem as columnas atacantes; e como nos disseram que no contraforte da Atalaya, aonde esteve Massena, tinham estacionado algumas peças de artilheria, ali as indicámos, não para bater o grande massiço do Bussaco, o que mal poderiam fazer, mas para se adiantarem sobre a direita a fim da protegerem o ataque do 6.º corpo.

sobre a direita, foi subindo a serra com grande custo, ainda que encoberta pelo nevoeiro, e, depois de uma demorada marcha, chegou a occupar as alturas ao N. da estrada; sendo, porém, batida pela metralha e carregada á bayoneta, não pôde sustentar-se. N'este tempo um regimento da divisão Heudelet, o qual precedia a brigada Foy, subindo pela estrada, appareceu na esquerda da divisão Merle para a sustentar, mas foi igualmente repellido. Por ultimo a brigada Foy, seguindo tambem a estrada, desembocou no cimo da portella de Santo Antonio do Cantaro, depois de ter aggregado a si aquelle regimento e os restos da divisão Merle; mas, travando-se encarniçada lucta, foram estas tropas obrigadas a retirar diante da divisão Picton auxiliada pelas de Spencer e Leith. N'este ataque immortalisaram-se os regimentos n.ºs 8, 9 e 21 de infantaria portugueza.

O general Reynier, vendo tão mau resultado, fez avançar um pouco o resto da divisão Heudelet, para recolher as tropas em retirada, e tomou de novo a posição junto á aldeia d'onde tinha partido, esperando ahi o resultado do ataque do 6.º corpo.

Por este tempo, mas começando mais tarde, effectuava Ney o ataque de Sula, para depois occupar o alto do Encarnadouro, junto á mata. Aquella aldeia foi tomada pela brigada Simon, enquanto que a brigada Ferrey (ambas pertencentes a Loison) seguia um pouco á direita para a cumiada que se estende para os lados do Ninho de Aguiã. Em pouco tempo toda a divisão de Loison se achava quasi a tocar na dita cumiada, quando foi coberta de metralha e carregada á bayoneta pela divisão Crawford e pela brigada portugueza de Coleman, tendo de retirar-se precipitadamente e deixando ferido e prisioneiro o general Simon. Aqui encheram-se de gloria muitos batalhões e regimentos portuguezes, isto é, todos os que tiveram a honra de entrar na lucta e particularmente o n.º 3 de caçadores e um batalhão do 19 de infantaria.

Á vista d'isto, a divisão Marchand, que seguia pela estrada, sentindo-se batida pelos fogos encruzados das posições fronteiras, em vez de seguir ávante descaiu para a esquerda, indo bater contra a encosta abrupta do grande massiço da serra, por fórma que, não podendo subir, nem querendo voltar á estrada por causa dos fogos mortiferos, esteve al-

gum tempo estacionaria, até que foi retirando pelas ravinas do contraforte de Atalaya.

O marechal Ney, apesar do seu genio audacioso, fez como Reynier: recolheu as tropas ás anteriores posições, junto a Moura, e esperou ordens, depois de ter perdido mais de 2:000 homens, entre mortos e feridos. As perdas de Reynier foram maiores, pois andariam por 3:000 homens.

Não quiz Massena renovar a ataque, e só ordenou que alguns batalhões estendidos em atiradores entretivessem o inimigo com um tiroteio frouxo.

---

Eis, em breves palavras, o que foi esta batalha (Massena chama-lhe reconhecimento), que durou pouco mais de duas horas, e d'onde se colheu, como principal resultado, a confirmação do valor e firmeza do exercito portuguez, o qual, constituido então por soldados na maior parte bisonhos, necessitava dar uma decisiva prova das suas qualidades guerreiras. Effectivamente, a defesa das posições foi brilhante por parte do exercito anglo-luso, como se vê pelos resultados e pela relação official, que adiante transcrevermos. Honra e gloria lhe seja, pois honra e gloria merece. E principalmente honra e gloria mereceram os nossos soldados, que, ainda imberbes, não trepidaram ante as hostes napoleonicas, commandadas pelos melhores generaes e habituadas a successivas victorias.

Das alturas do Bussaco descobriu o exercito portuguez uma nova aurora, e o francez as primeiras nuvens que costumam ás vezes envolver o sol radiante.

Terminado o ataque, e enquanto algumas tropas ligeiras se entretinham de ambos os lados em atiradores, reuniu Massena outra vez ós seus generaes, principalmente os commandantes do 2.º e 6.º corpo, que se desculparam um com o outro, e resolveu que se explorassem os terrenos, sobretudo para os lados de Boialvo, os quaes pareciam indicar a existencia ali de uma estrada regular. Encarregou d'esta pesquisa o general Montbrun, acompanhado pelo coronel Sainte-Croix e algumas tropas de cavallaria e artilheria.

Estes militares illustres desempenharam-se brilhantemente da commissão que lhes foi confiada. Subiram perto

da noite ás alturas, colheram informações, internaram-se n'um longo desfiladeiro com pessimo caminho, é verdade, mas praticavel a todas as armas, e, occupando a povoação de Boialvo com artilheria e cavallaria, desembocaram nas planicies de Avellãs, chegando, segundo affirma Thiers, até o Sardão.

Não encontraram nem um unico soldado inimigo!

Com tão feliz descoberta, e depois de collocarem á retaguarda de Boialvo alguma cavallaria para reforçar, se fosse necessario, as tropas que occupavam a povoação, voltaram os dois commissionados ao quartel general de Massena, aonde chegaram perto do meio dia de 28.

O generalissimo francez resolveu immediatamente o celebre movimento de flanco. Ordenou a Junot, por estar mais proximo de Mortagua, que, perto da noite, deixasse a posição que tinha, e, levando na frente parte da cavallaria de Montbrun, fosse tomar a estrada do contraforte de Boialvo, formando a vanguarda.

O marechal Ney com o 6.<sup>o</sup> corpo seguiu este movimento.

Por ultimo, Reynier, que se achava mais afastado para a esquerda, foi encarregado de fechar a marcha com o 2.<sup>o</sup> corpo, levando na frente os feridos em numero de 3:000, e alguma artilheria e bagagens.

A extrema retaguarda era formada pelo resto da cavallaria de Montbrun com a artilheria mais ligeira.

Parece que lórd Wellington ignorou este movimento até ás 11 horas da noite, ordenando então a retirada do exercito; pois, quando na madrugada do dia 29 se ausentavam das circumvizinhanças da mata do Bussaco os ultimos regimentos do exercito anglo-luso, já a vanguarda franceza (infanteria e cavallaria) occupava as planicies de Avellãs.

No dia 30, á noite, quasi todo o exercito alliado estava ao sul do Mondego, tendo tido alguns soldados da rectaguarda acutilados pela cavallaria inimiga. Massena entrou em Coimbra no dia 1.<sup>o</sup> de outubro.

---

Faremos, por ultimo, algumas considerações sobre a batalha e os movimentos de tropas nos tres dias que a seguiram.

Como dissemos, a posição do exercito alliado era boa para a defensiva, mas não inexpugnavel; muito pelo contrario, podia ser rompida em alguns pontos. E, se a linha fosse rompida, a retirada seria desastrosa. A portella de Santo Antonio do Cantaro era a mais vulneravel, porque os fogos não podiam ser tão convergentes como na passagem do Encarnadouro, aonde a artilheria alliada tinha uma disposição altamente vantajosa. Alem d'isto o muro da mata havia sido em parte derrubado do meio para cima; tinham-se ahi aberto seteiras, e na frente formaram-se abatizes. Ora tudo isto constituia um obstaculo serio, mas não invencivel. A portella de Oliveira tambem era atacavel.

Supponhamos que Reynier, sendo bem apoiado e fazendo um grande esforço (como realmente o faria Massena se comandasse o 2.º corpo), ficava definitivamente senhor da portella: a divisão de Picton seria encurralada nos desfiladeiros do Botão, que os francezes tratariam de occupar, como sendo o caminho mais curto e melhor, n'aquella epocha, para chegar a Coimbra. A divisão Spencer teria de retirar-se pela mata ou por junto da mata, offerecendo o flanco a Ney, e tendo só como escudo as tropas de Crawford e de Cole; n'esta conjunctura era quasi certo que o comandante do 6.º corpo, retomando a sua audacia costumada, as precipitasse nos barrancos que ali circumdam a posição e o caminho que vae para a Mealhada. Aceitemos, porém, como possivel a retirada para esta villa e para a de Anadia; era natural que as ditas tropas alliadas não podessem ganhar Coimbra, por terem de seguir um caminho desviado, enquanto que os francezes teriam o directo pelo Botão. E não podendo ganhar Coimbra, haviam naturalmente fazer a retirada para os lados de Agueda, isto é, para o norte.

Consideremos agora as divisões de Leith e de Hill. Estas tropas, com despenhadeiros pelas costas, seriam obrigadas a desfilarem longo espaço pela cumiada até ganhar o Mondego, ladeado de margens abruptas. E isto é tão provavel que o sr. Simão José da Luz Soriano diz na sua *Historia* que as tropas de Hill passaram o Mondego por fórma que tiveram depois de atravessar a ponte da Murcella para se metterem na estrada do Espinhal: logo passaram o rio entre a foz

do Dão e a foz do Alva. Este facto, que parece estranho, explica-se: foi tal a pressa e confusão na retirada, que as tropas de Hill, em vez de recuarem por Penacova, tomaram talvez o caminho da Raiva, atravessando ahi o Mondego a váu, deixando por este modo a passagem de Penacova a algumas ou a todas as tropas de Leith. Ora, quem não viu aquelles caminhos, mal pôde imaginar o perigo que estas tropas correriam se fossem perseguidas: temos quasi a certeza de que não levavam artilheria, e até nos parece que a de Hill tinha ficado na margem esquerda do Mondego, quando este general fez o seu pequeno movimento na manhã de 26; porém, mesmo assim, a retirada constituiria um verdadeiro desastre.

Se em vez da portella de Santo Antonio do Cantaro fosse tomada a passagem do Encarnadouro, ainda a retirada seria desastrosa, havendo apenas a vantagem de ficar por mais algum tempo em poder dos alliados a estrada do Botão. Se ambas as passagens fossem tomadas quasi á mesma hora, o que era muito possivel, pois a queda de uma traria provavelmente o abandono da outra, então o desbarate dos alliados seria completo.

Julgámos, portanto, que lord Wellington, offerecendo a batalha do Bussaco, confiou demasiadamente na sua estrella, assim como confiou depois, quando venceu Napoleão em Waterloo. E foram estas e outras felicidades successivas, que deram ao general inglez um grande nome, o qual ainda assim não poderia adquirir se não possuísse realmente verdadeiros dotes militares.

Ha uma cousa que não podemos tambem deixar sem reparo: o abandono do desfiladeiro de Boialvo. É caso para perguntar: o que fazia a cavallaria ingleza? Nós suppomol-a collocada nos terrenos baixos de Avellãs, perto da estrada do Porto, e observando a de Boialvo, como diz Wellington; mas para esta observação exigiam-se *avançadas* no desfiladeiro, e se ellas ahi existissem por certo que Montbrun não desembocaria, como desembocou, na planicie: naturalmente nem mesmo tentava a passagem se a posição estivesse guarnecida com um simples batalhão de caçadores. N'este ponto, ou não foram bem cumpridas as instrucções do general em chefe inglez, ou houve notavel imprevidencia da parte d'elle. A desculpa com o coronel Trant e com o ge-

*neral que commandava nas partes do norte* (V. documento) é pouco admissivel.

Vê-se, portanto, que o procedimento de lord Wellington não foi isento de alguns defeitos. O de Massena está no mesmo caso. Se o primeiro offereceu uma batalha quasi desnecessaria e em que podia perder o seu exercito, ou pelo menos privar-se de recolher ás linhas de Torres Vedras, o segundo deixou fugir a occasião de terminar a campanha n'um unico golpe.

É certo que a portella de Santo Antonio do Cantaro era o ponto mais vulneravel e tambem aquelle de cuja posse resultavam mais vantagens ao atacante. Supponhamos que atraz do corpo de Reynier punha Massena quasi todas as tropas de Junot, e que, antes de dar o golpe decisivo, mandava ao marechal Ney atacar o Encarnadouro, e a uma brigada do 2.º corpo que se dirigisse para a portella de Oliveira com todo o aparato bellico; supponhamos ainda que, depois de travado o combate na sua direita, fazia avançar impetuosamente todas as tropas de Reynier, pondo-se elle Massena, para as apoiar, á frente da reserva, isto é, do 8.º corpo: é provavel que a portella de Santo Antonio do Cantaro fosse tomada, apesar da bravura dos defensores. Depois o exito da batalha não nos parece duvidoso. Mas os ataques, taes como se deram, foram desconcertados: quando um estava quasi terminado, começava o outro; o impeto, sobretudo no 6.º corpo, não correspondeu nem á qualidade das tropas, nem ao character do marechal que as commandava. Depois veiu o desanimo e finalmente ouviram-se as desculpas.

Diremos ainda duas palavras. Afigura-se a alguns, e até parece inferir-se das phrases de lord Wellington, que, no caso do coronel Trant ter occupado Boialvo, ficaria o exercito francez completamente detido, restando-lhe só o retirar-se para Vizeu. Parece-nos que tinha ainda um recurso: era collocar um forte destacamento de tropas com artilheria nas alturas de Caparrosinha, fazer ahi ligeiros intrincheamentos e estabelecer na Foz-Dão, ou pouco abaixo, algumas passagens no Mondego, o que seria facil. Teria assim um apoio seguro que serviria de testa de ponte, podendo ameaçar ambas as margens do rio e toda a cordilheira ou cumiada desde Boialvo até Arganil. Era natural que o

exercito francez, n'esta attitude, obrigasse lord Wellington á retirada sobre as linhas de Torres Vedras, pelo receio de ter as tropas demasiadamente espalhadas. Actualmente as alturas de Caparrosinha estão em condições muito diferentes.

\*  
\* \*

Não é nosso intento fallar do resto da campanha. São bem conhecidos os factos que a caracterisaram. O espanto de Massena ao ver pela frente as formidaveis linhas; a insufficiencia do seu exercito para as tomar; a sollicitação de reforços por intermedio do general Foy; a falta de cooperação das tropas de Soult; os trabalhos de Eblé para conseguir um material de pontes; a prolongada occupação de Santarem e de outros logares de importancia; a inacção de lord Wellington; a carencia de mantimentos no exercito invasor; a sua retirada sabiamente dirigida; a teimosia do generalissimo francez em querer descer pelo valle do Tejo, depois de voltar por Celorico aos planaltos da Estrella; a attitude, n'esta conjunctura, dos generaes commandantes de corpos; a destituição de Ney; e, finalmente, as atrocidades commettidas, bem dignas de perpetua execração. Tudo isto, como dissemos, é notorio; porém, se os francezes praticaram crueldades e vandalismos, convem considerar, que outro qualquer exercito invasor faria provavelmente cousas semelhantes; por isso, e por tudo, deveremos estar prevenidos para repellir sempre com energia quaesquer attentados contra a independencia da patria.

Pondo na balança as difficuldades d'esta campanha de Portugal, julgámos que não soffreram grande quebra os creditos militares de Massena. O proprio lord Wellington, que a principio o censurára, encheu-o depois de elogios. Napoleão, olhando para si mesmo, quando em 1812 retirava da Russia, arrependeu-se de ter votado aquelle velho guerreiro ao ostracismo em seguida á batalha de Fuentes de Oñoro, dizendo publicamente, ao partir para a ilha de Elba, que era dos seus generaes o que havia praticado feitos mais gloriosos. Porém, depois, se a vida de lord Wellington foi longa e cheia de proventos e honrarias, a do principe de Essling foi curta e repleta de amarguras.

Em 1817, no cemiterio do Père-Lachaise, uma lapide de marmore branco, com esta simples inscripção «MASSENA» indicava aos transeuntes que ali jazia o FILHO QUERIDO DA VICTORIA.





# DOCUMENTO



## DOCUMENTO

---

Officio de lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz,  
secretario da guerra <sup>1</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Emquanto o inimigo estava avançando de Celorico e Trancoso sobre Vizeu, as differentes divisões das milicias e ordenanças se empregavam sobre os flancos e retaguarda do inimigo; e o coronel Trant com a sua divisão atacou a escolta da caixa militar e reserva de artilheria, perto do Tojal, a 20 do corrente. Tomou 2 officiaes e 100 prisioneiros, porém o inimigo, havendo juntado uma força tirada da sua frente e retaguarda, obrigou-o a retirar-se outra vez para as bandas do rio Douro.

Hei ouvido que a communicação do inimigo com Almeida está completamente cortada, e que elle possue unicamente o terreno sobre o qual está o seu exercito.

O meu officio de 20 do corrente terá deixado a v. ex.<sup>a</sup> informado das medidas que eu tinha adoptado, e as quaes estavam em progresso para juntar o exercito nas vizinhanças d'esta cidade, e, se fosse possível, impedir que o inimigo obtivesse a sua posse.

A 21, a guarda avançada do inimigo avançou com rapidez para Santa Comba Dão, logar onde se unem os dois rios Criz e Dão; e o brigadeiro general Pack se retirou para a banda de cá, através do Criz, e se uniu em Mortagua ao brigadeiro general Crawford, havendo primeiro destruido as pontes que existiam sobre aquelles dois rios.

---

<sup>1</sup> Gazeta de Lisboa, n.º 237, de 3 de outubro de 1810.

A guarda avançada do inimigo, tendo concertado a ponte, passou a 23 o rio Criz, e toda a força do 6.º corpo se juntou da banda de cá d'aquelle rio; e por conseguinte retirei a cavallaria pela serra do Bussaco, á excepção de tres esquadrões; e isto em rasão do terreno não ser favoravel para as operações d'esta arma.

A 25 toda a força do 6.º e 2.º corpo passaram o Criz nas vizi-nhanças de Santa Comba Dão; e o brigadeiro general Crawford com a sua divisão, e o brigadeiro general Pack com a sua brigada se retiraram para a posição que eu tinha fixado para o exercito no cume da serra do Bussaco. Estas foram seguidas n'este movimento por todas as forças dos corpos de Ney e Reynier (6.º e 2.º); porém, o brigadeiro general Crawford as conduziu com grande regularidade, e as tropas tomaram a posição destinada, sem que soffressem perda de importancia.

O regimento de caçadores portuguezes n.º 4, que se havia retirado para a direita das outras tropas, e os piquetes da terceira divisão de infantaria, que se achavam postados em Santo Antonio do Cantaro, commandados pelo major Smith do regimento 45.º, se bateram pela tarde com as avançadas do corpo de Reynier, havendo n'esta occasião o regimento de caçadores n.º 4 mostrado aquella bizarra firmeza que as outras tropas portuguezas hão depois manifestado.

A serra do Bussaco é uma alta cordilheira, que se estende desde o rio Mondego em direcção ao norte, como de umas 8 milhas inglezas.

No mais alto ponto d'esta cordilheira e perto de 2 milhas da sua terminação, está situado o convento e mata do Bussaco; esta serra do Bussaco se une por meio de um espaço de paiz montanhoso á serra do Caramullo, a qual se estende em uma direcção para o nordeste, para alem de Vizeu; e separa o valle do Mondego do valle do rio Douro. Na esquerda do Mondego, e quasi em uma linha com a serra do Bussaco, ha outra cordilheira quasi na mesma direcção, e a qual é chamada serra da Murcella, circumdada pelo rio Alva, e unida por terrenos montanhosos á serra da Estrella.

Todas as estradas de Coimbra em direcção para leste passam por cima de uma ou outra d'estas serras. São mui difficultosas para a passagem de um exercito, sendo a approximação para o cume d'esta cordilheira, montanhosa por ambos os lados.

Como todo o exercito do inimigo estava no lado direito do Mondego, e como igualmente era evidente que elle intentava o forçar a nossa posição, o tenente general Hill passou aquelle rio, fazendo um

pequeno movimento para a sua esquerda na manhã de 26, deixando ao coronel Lecor postado com a sua brigada na serra da Murcella, em ordem a cobrir a direita do exercito; e ao brigadeiro general Fane com a sua divisão de cavallaria portugueza, com o regimento de dragões ligeiros n.º 13, postados na frente do rio Alva, para observar e rebater os movimentos no Mondego da cavallaria inimiga; á excepção d'estas tropas, todo o nosso exercito estava junto sobre a serra do Bussaco, tendo a cavallaria britannica postada na retaguarda do seu flanco esquerdo, observando a planicie e a estrada, que vac de Mortagua para o Porto através do terreno montanhoso, que une a serra do Bussaco com a do Caramullo.

O 8.º corpo se uniu ao inimigo na nossa frente a 26 do corrente; porém n'este dia não fez elle ataque algum serio. As tropas ligeiras de ambas as partes se batiam ao longo de toda a linha. Ás seis da manhã do dia 27 o inimigo fez dois desesperados ataques sobre a nossa posição, um na direita e outro sobre a esquerda do mais alto ponto da serra. O ataque sobre a direita foi feito por duas divisões do 2.º corpo n'aquella parte da serra, occupada pela terceira divisão de infantaria. Uma divisão de infantaria franceza chegou ao cume da cordilheira a tempo que foi atacada com a mais bizarra maneira pelo regimento n.º 88, commandado pelo tenente coronel Wallace, e pelo regimento n.º 45 pelo muito honrado tenente coronel Meade, e regimento portuguez n.º 8, commandado pelo tenente coronel Douglas, dirigidos pelo major general Picton. Estes tres regimentos avançaram com bayoneta calada e fizeram retroceder a divisão do inimigo do terreno vantajoso que havia obtido. A outra divisão do 2.º corpo atacou a maior distancia na direita, pela estrada que vem por Santo Antonio do Cantaro, igualmente em frente da divisão do major general Picton. Esta foi repulsada antes que tivesse chegado ao cume da cordilheira pelo regimento n.º 74, commandado pelo honrado tenente coronel Trench, e pela brigada de infantaria portugueza, commandada pelo coronel Champalimaud, dirigida pelo coronel Makinnon. O major general Leith igualmente se moveu para a sua esquerda, para apóiar o major general Picton, ajudando a destroçar ao inimigo n'esta parte o terceiro batalhão do regimento dos reaes, o primeiro batalhão do regimento n.º 9, e o segundo batalhão do regimento n.º 38.

N'estes ataques os majores generaes Leith e Picton, os coroneis Makinnon e Champalimaud no serviço portuguez (e o qual foi ferido), o tenente coronel Wallace e o honrado tenente coronel Meade, o tenente coronel Sutton do regimento portuguez n.º 9, o major Smith

do regimento n.º 45, o qual infelizmente foi morto, o tenente coronel Douglas e o major Birmingham do regimento portuguez n.º 8, se hão distinguido.

O major general Picton reporta a boa conducta dos regimentos portuguezes n.ºs 9 e 21, commandados pelos tenentes coroneis Sutton e Araujo Bacellar, e da artilheria portugueza, commandada pelo major Arenstchild.

Tenho igualmente a mencionar em uma maneira mui particular a conducta do capitão Danser do regimento n.º 88.

O major general Leith reporta a boa conducta do regimento real, e do primeiro batalhão do regimento n.º 9, e segundo batalhão do regimento n.º 38; e peço a permissão para assegurar a v. ex.<sup>a</sup> que nunca presenciei um mais bravo e denodado ataque do que aquelle, feito pelos regimentos n.ºs 88, 45 e pelo regimento portuguez n.º 8, sobre a divisão do inimigo, que havia subido a serra.

Na esquerda o inimigo atacou com tres divisões de infantaria do 6.º corpo aquella parte da serra, occupada pela divisão de tropas ligeiras, commandadas pelo brigadeiro general Crawford, e pela brigada portugueza, commandada pelo general Pack.

Uma unica divisão de infantaria inimiga fez algum progresso na subida para o cume da serra; porém, foi immediatamente carregada á bayoneta calada pelo brigadeiro general Crawford com os regimentos n.ºs 43, 52 e 95, e o regimento de caçadores portuguezes n.º 3; e obrigados a retroceder com immensa perda.

A brigada portugueza de infantaria, commandada pelo brigadeiro Coleman, que estava em reserva, foi movida para supportar a direita da divisão do brigadeiro general Crawford; e um batalhão do regimento portuguez n.º 49, commandado pelo tenente coronel Mac-Bean, fizeram um denodado e bem succedido ataque contra um corpo de outra divisão do inimigo, que estava procurando penetrar n'aquella mesma paragem.

N'este ataque o brigadeiro general Crawford, o tenente coronel Beckwith do regimento n.º 95, e Barclay do regimento n.º 52, e os officiaes commandantes dos regimentos empregados n'esta parte da acção se hão individualmente distinguido.

Alem d'estes ataques as tropas ligeiras de ambos os exercitos se bateram durante todo o dia 27, e o regimento de caçadores portuguezes n.º 4, e os regimentos n.ºs 4 e 16 dirigidos pelo brigadeiro general Pack, e commandados pelos tenentes coroneis Rego Barreto e Hill, assim como o major Armstrong, mostraram grande firmeza e bravura.

A perda que o inimigo ha soffrido n'este ataque do dia 27 ha sido enorme.

Hei ouvido que o general de divisão Merle, e que o general Maucune hão sido feridos; e o general Simon ha sido feito prisioneiro pelo regimento n.º 52, assim como o hão sido 3 coroneis, 33 officiaes e 250 soldados.

O inimigo deixou mortos no campo da batalha 2:000 homens, e hei ouvido dos desertores e prisioneiros que a sua perda em feridos ha sido immensa.

O inimigo não renovou o seu ataque a 28, excepto o fogo que fizeram as suas tropas ligeiras; porém removeu um grande corpo de infantaria e cavallaria da esquerda ao seu centro, para a retaguarda, d'onde vi a sua cavallaria em marcha na estrada que sãe de Mortagna, através das montanhas, com direcção para as bandas do Porto.

Havendo pensado que provavelmente havia o inimigo de procurar envolver o nosso flanco esquerdo por aquella estrada, tinha determinado ao coronel Trant, que com a sua divisão de milicias marchasse para o Sardão com a intenção de que elle houvesse de occupar estas montanhas; porém, infelizmente, elle foi mandado á roda pelo Porto, e isto pelo general que commanda nas partes do norte, em consequencia de um pequeno destacamento do inimigo se achar em possessão de S. Pedro do Sul; e apesar das diligencias que fez para chegar a tempo, não conseguiu chegar ao Sardão senão a 28 pela noite, a tempo que o inimigo se achava de posse do terreno.

Como era provavel que o inimigo no curso da noite de 28 lançaria o seu exercito sobre aquella estrada, com o que podia chegar á cidade de Coimbra, evitando a serra do Bussaco, e passando pela estrada real do Porto, e d'esta fórma o nosso exercito exposto a ficar cortado d'aquella cidade, ou a uma acção geral em terreno menos favoravel; e como eu tinha na mesma retaguarda reforços, fui induzido por estes motivos a retirar-me da serra do Bussaco. O inimigo, desfilando nas montanhas ás onze horas da noite do dia 28, e fazendo a marcha esperada, a sua guarda avançada estava hontem em Avellãs, na estrada do Porto para Coimbra, e todo o exercito foi visto em marcha através das montanhas; porém, o exercito do meu commando estava já nos terrenos baixos, entre a serra do Bussaco e o mar; e o todo do mesmo exercito, á excepção da guarda avançada, está n'este dia na margem esquerda do Mondego.

Ainda que a desafortunada circumstancia da demora, que teve o coronel Trant, em chegar ao Sardão, me faz apprehender que não

terá effeito ou poderei completar o objecto que tinha em vista passando o Mondego, e occupando a serra do Bussaco, não sinto o haver assim feito. Este movimento me ha fornecido uma oportunidade favoravel de mostrar ao inimigo a discrição das tropas, de que é composto este exercito, tem trazido pela primeira vez as tropas novas portuguezas a uma acção com elle em uma vantajosa situação; e as tropas d'esta nação hão mostrado que o trabalho e desvelos, que se hão tido com ellas, não tem sido baldados, e que se tornam dignas de contenderem nas mesmas fileiras com as tropas britannicas, n'esta interessante causa, á qual ellas offerecem as melhores esperanças de salvação.

Durante toda a parte da contenda na serra, e em todas as marchas antecedentes, e n'aquellas que havemos depois feito, todo o exercito se ha comportado na maneira mais regular.

Consequentemente todas as operações hão sido feitas com muita facilidade; e os soldados não hão soffrido fadigas desnecessarias; não se hão perdido petrechos, etc.; e o exercito se acha cheio dos mais altos e bons espiritos.

Tenho recebido durante este serviço a maior ajuda dos generaes e officiaes do estado maior.

O tenente general sir Brent Spencer me ha dado aquella ajuda, a que a sua experiencia o habilita a fornecer-me; e sou particularmenté devedor por bons serviços ao ajudante e quartel mestre general, e aos officiaes dos seus departamentos; ao tenente coronel Bathurst, e aos officiaes do meu pessoal de estado maior; ao brigadeiro general Howarth e ao corpo de artilheria, e particularmente ao tenente coronel Fletcher, capitão Chapman e aos officiaes do real corpo de engenheiros.

Devo igualmente mencionar a mr. Kennedy e aos officiaes do departamento do commissariado, cujo departamento tem sido dirigido com o mais terminante e feliz successo.

Eu não faria justiça ao serviço e aos meus proprios sentimentos, se acaso eu deixasse escapar esta oportunidade sem chamar a attenção de v. ex.<sup>a</sup> para com os meritos do marechal Beresford; a elle exclusivamente e debaixo do governo de S. A. R. é devido o merito de haver levantado, formado, disciplinado e equipado o exercito portuguez, o qual se ha mostrado agora capaz de combater e destroçar o inimigo.

Tenho, alem d'isto, recebido d'elle, em todas as occasiões, toda a ajuda que a sua experiencia e talentos, assim como o seu conhecimento d'este paiz o tem qualificado para me fornecer.

O inimigo não tem feito movimento algum na Estremadura, ou ao norte, desde que escrevi a v. ex.<sup>a</sup> a respeito das operações da presente campanha.

As minhas ultimas noticias de Cadiz chegam á data de 9 do corrente.

Incluso transmitto um mappa dos mortos e feridos do exercito alliado, no decurso dos dias 25, 26, 27 e 28.

Mando este officio a v. ex.<sup>a</sup> por mão do meu ajudante de ordens, o tenente coronel Vasconcellos, a quem requesto que v. ex.<sup>a</sup> se refira para saber quaesquer outros detalhes, e ao qual recommendo á benigna consideração dos senhores governadores do reino.

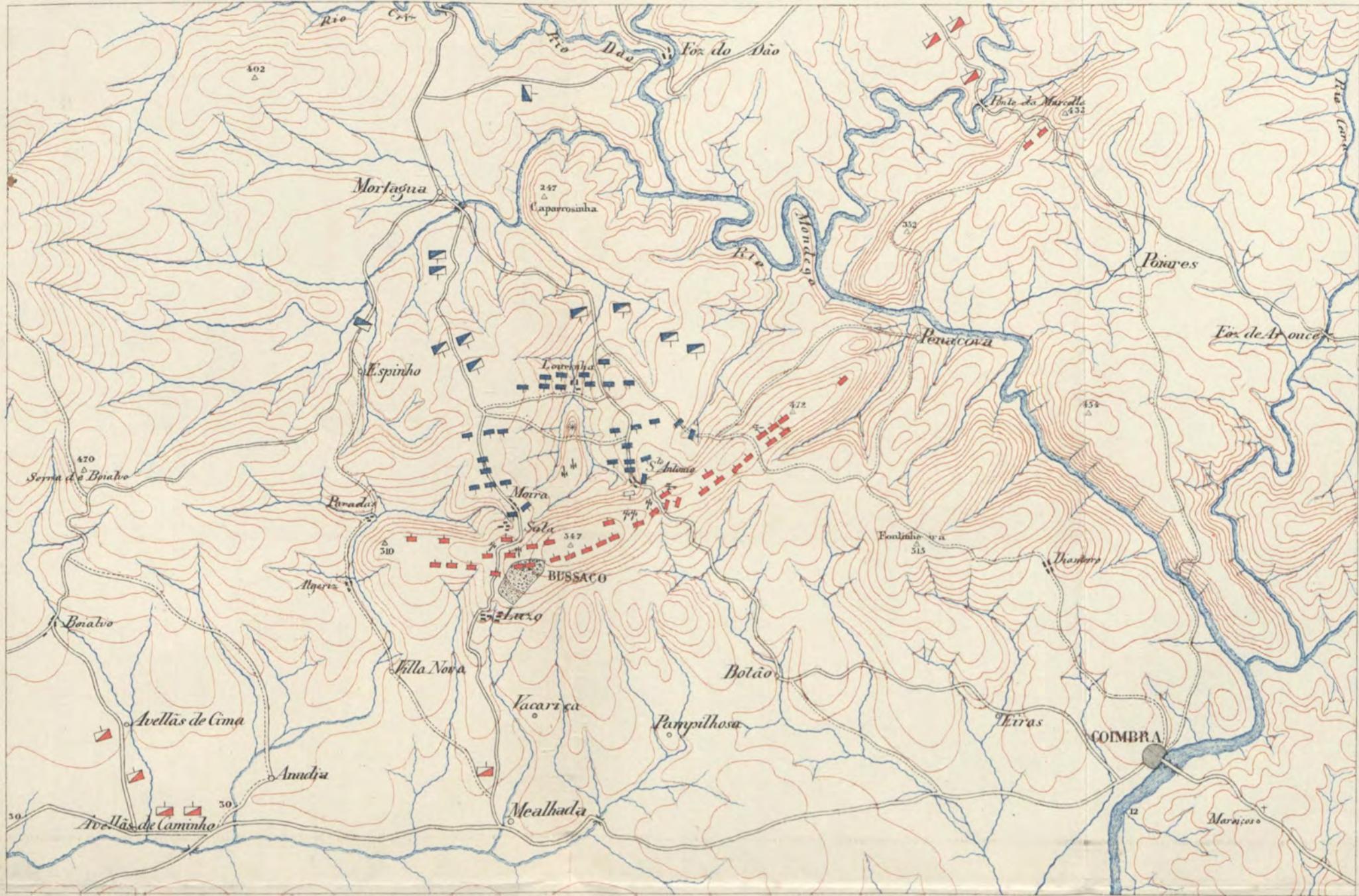
Tenho a honra de ser, com estima e respeito, de v. ex.<sup>a</sup> muito attento e fiel servo. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Quartel general de Coimbra, em 30 de setembro de 1810.

WELLINGTON.



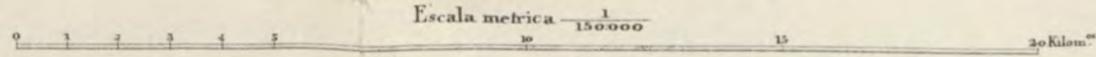
# PLANO DA BATALHA DO BUSSACO



Bido Livro: cartula e decalco.

Direção Geral dos Trabalhos Geodésicos

A. A. Martins-g.



Escala metrica  $\frac{1}{150000}$



